



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**Centro de Ciências Humanas e Exatas**  
**Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro**  
**Curso de Licenciatura Plena em Letras – Espanhol**

**MARIA SUELEN ALVES DE AZEVEDO**

**FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE EM CRÔNICAS DE “EL ÁLBUM DE  
LA MUJER” DE CONCEPCIÓN GIMENO DE FLAQUER**

**MONTEIRO/PB**

**2025.1**

MARIA SUELEN ALVES DE AZEVEDO

FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE EM CRÔNICAS DE “EL ÁLBUM DE LA MUJER” DE CONCEPCIÓN GIMENO DE FLAQUER

Trabalho de conclusão de curso apresentado pela aluna Maria Suelen Alves de Azevedo como requisito para a conclusão da graduação no curso de Letras/Espanhol, da UEPB - Campus VI de Monteiro - PB.

**Linha de pesquisa:** Literatura feminina.

**Orientadora:** Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia

MONTEIRO/PB

2025.1

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994f Azevedo, Maria Suelen Alves de.  
Feminismo e interseccionalidade em crônicas de “*El álbum de la mujer*” de Concepción Gimeno de Flaquer [manuscrito] / Maria Suelen Alves de Azevedo. - 2025.  
74 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Concepción Gimeno de Flaquer. 2. Desigualdade de gênero. 3. Interseccionalidade. 4. Violência. 5. Análise literária.  
I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA SUELEN ALVES DE AZEVEDO

FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE EM CRÔNICAS DE "EL ÁLBUM DE LA MUJER" DE CONCEPCIÓN GIMENO DE FLÁQUER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras

Aprovada em: 03/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rogério Fernandes dos Santos** (\*\*\*.695.038-\*\*), em **18/06/2025 09:53:39** com chave **41673f284c4311f0a0d21a1c3150b54b**.
- **Cristiane Agnes Stolet Correia** (\*\*\*.228.087-\*\*), em **18/06/2025 09:48:35** com chave **8c3867c64c4211f08d8b06adb0a3afce**.
- **Wanderlan da Silva Alves** (\*\*\*.876.541-\*\*), em **18/06/2025 10:47:57** com chave **d771b5dc4c4a11f0ace406adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 19/06/2025

**Código de Autenticação:** 9a904f



A meus pais, Jonas e Luciana, que sempre me incentivaram na busca por conhecimento. E a Deus, minha força presente todos os dias.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final de cada ciclo, é chegado um novo tempo. Mas o aprendizado, os momentos vividos, as marcas que ficam gravadas na alma, os sentimentos criados e as amizades encontradas não ficam para trás. Pelo contrário, nos acompanham na nova fase que se inicia. Por isso, quero agradecer a todas as pessoas que me incentivaram e me moldaram durante este ciclo que se encerra.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia, pela orientação, paciência e comprometimento com a minha pesquisa.

Aos meus pais, Luciana e Jonas, pelo apoio, cuidado e amor incondicional. E por todo o esforço que fizeram e fazem para me ver com um bom futuro, um diploma, entre tantas outras conquistas, dedico a vocês esta vitória.

Às minhas irmãs menores, Samily e Cecília, por serem minhas “pupilas”, ajudando-me e tornando essa caminhada mais amena.

Às minhas avós, Marlene e Lourdes, por serem mulheres fortes e guerreiras, em quem me inspiro.

A todas as minhas amigas de trabalho da Escola Maria Verônica da Soledade, que, ao longo dos últimos três anos, tanto me apoiaram e incentivaram nos momentos em que a rotina de trabalho e estudo se tornava árdua e cansativa. Em vocês me inspiro como profissional.

A todos os professores que passaram por minha vida e deixaram uma boa semente, nutrindo minha vontade de buscar conhecimento. E aos professores do CCHE que fazem do nosso campus um lugar de troca de experiências e saberes.

A todos os amigos surgidos ao longo desta caminhada, pela amizade, apoio, companheirismo, bom humor e tantas risadas. E, por fim, a Deus, por ser minha fortaleza e meu escudo, minha fonte inesgotável de coragem, determinação e perseverança. Obrigada!

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”  
(Beauvoir, 1967, p.8).

“Eu não me vejo na palavra fêmea, alvo de caça, conformada vítima. Prefiro queimar o mapa, traçar de novo a estrada, ver cores nas cinzas, e a vida reinventar. E um homem não me define. Minha casa não me define. Minha carne não me define. Eu sou meu próprio lar”  
(Francisco el hombre, 2016).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGÍA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 A MULHER COMO SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 Aprender a ser mulher: a formação feminina sob os papéis sociais tradicionalmente impostos.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 A dualidade entre o Ser Humano e o Objeto.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3 A Mulher no Mercado de Trabalho: Invisibilidade, Desigualdade e Resistência... </b>	<b>32</b>
<b>3.4 Cruzando opressões e entrelaçando lutas a partir de múltiplas vozes.....</b>	<b>38</b>
<b>4 REVISITANDO A OBRA DE CONCEPCIÓN GIMENO DE FLAQUER.....</b>	<b>46</b>
<b>4.1 “Esposa y madre - El álbum de la mujer”.....</b>	<b>46</b>
<b>4.2 “La mujer hermosa - El álbum de la mujer”.....</b>	<b>51</b>
<b>4.3 “La maestra” - El álbum de la mujer.....</b>	<b>58</b>
<b>4.4 “La obrera mexicana” - El álbum de la mujer.....</b>	<b>64</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>

## RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo maior analisar a desigualdade de gênero e a evolução do papel social feminino na sociedade, a partir das discussões teórico-literárias fundamentadas em crônicas de Concepción Gimeno de Flaquer: “*Esposa y madre*”, “*La maestra*”, “*La mujer hermosa*” e “*La obrera mexicana*”, publicados em seu periódico *El Álbum de la Mujer en México* nos anos de 1883 e 1884. São discutidos os temas: educação, maternidade e matrimônio, objetificação feminina, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o conceito de interseccionalidade, refletindo sobre os avanços e retrocessos pelos quais as mulheres passaram ao longo do tempo. Durante a discussão, também são problematizadas questões como os antigos estereótipos de gênero e as diversas violências enfrentadas pelas mulheres nas sociedades contemporâneas. Como principais aportes teóricos, foram utilizadas as obras *Evangelios de la mujer*, da própria Flaquer (1900), *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1967), *Breve história do feminismo*, de Carla Cristina Garcia (2011), e *Los hombres me explican cosas*, de Rebecca Solnit (2016).

**Palavras-chaves:** Concepción Gimeno de Flaquer; desigualdade de gênero; interseccionalidade; violência.

## **RESUMEN:**

Este trabajo tiene como principal objetivo analizar la desigualdad de género y la evolución del papel social femenino en la sociedad, a partir de las discusiones teórico-literarias fundamentadas en crónicas de Concepción Gimeno de Flaquer: “Esposa y madre”, “La maestra”, “La mujer hermosa” y “La obrera mexicana”, publicados en su periódico *El Álbum de la Mujer en México* en los años 1883 y 1884. Se discuten los temas: educación, maternidad y matrimonio, objetificación femenina, la inserción de la mujer en el mercado laboral y el concepto de interseccionalidad, reflexionando sobre los avances y retrocesos por los que han pasado las mujeres a lo largo del tiempo. En la discusión, también se problematizan cuestiones como los antiguos estereotipos de género y las diversas violencias que enfrentan las mujeres en las sociedades contemporáneas. Como principales aportes teóricos, se utilizaron las obras *Evangelios de la mujer*, de la propia Flaquer (1900), *El segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (1967), *Breve historia del feminismo*, de Carla Cristina Garcia (2011), y *Los hombres me explican cosas*, de Rebecca Solnit (2016).

**Palabras-clave:** Concepción Gimeno de Flaquer; desigualdad de género; interseccionalidad; violencia.

## 1 INTRODUÇÃO

Em diferentes épocas e culturas, as mulheres foram retratadas de diversas maneiras. Na grande maioria dos casos, eram representadas com um certo “tom de inferioridade”, refletindo as atitudes e crenças das sociedades em que viviam. Restringidas pelas normas de gênero e pela cultura patriarcal, as mulheres viviam sob o domínio masculino e limitavam-se, em geral, a papéis domésticos como: cuidar da casa, do marido e dos filhos, que eram consideradas suas principais ocupações e obrigações. Por muito tempo o papel social feminino era casar, ter filhos, ser uma boa esposa e uma boa mãe; para as mulheres, durante muito tempo, não havia direito à liberdade, à educação ou ao lazer, possuindo apenas o dever de proteger sua virgindade até o casamento, para não ficarem “desonradas”.

Diante da opressão e desigualdade sofridas pelas mulheres ao longo do tempo, algumas mulheres começaram a desafiar e questionar os papéis sociais que tradicionalmente lhes eram impostos. No final do século XIX, surgiram diversas escritoras, que denunciavam as desigualdades de gênero e questionavam o lugar atribuído à mulher na sociedade, iniciando assim as discussões feministas. É nesse contexto de mudança no pensamento social que surge a autora base deste trabalho: María de la Concepción Gimeno de Flaquer.

A escritora, filósofa e jornalista María de la Concepción Gimeno de Flaquer nasceu em Alcañiz (Teruel) na Espanha em 1850. Iniciou sua carreira ainda na juventude e destacou-se no cenário literário e social devido às suas contribuições à literatura e ao feminismo. Flaquer escreveu inúmeros artigos para diversos jornais e revistas, além de contar com várias publicações de romances e textos filosóficos. Em 1883, a autora fundou um periódico no México chamado *El álbum de la mujer*, no qual discute e problematiza diretamente as questões de gênero que ela percebia na sociedade da época (Aracil; Cremades, *Texto online*)<sup>1</sup>.

Neste periódico a autora publicou diversos textos que tinham como temática principal a mulher na sociedade, entre esses estão as crônicas: “*Esposa y madre*”,

---

<sup>1</sup> ARACIL, M. A. A.; CREMADES, E. R. Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer. **Cervantes virtual**. Disponível em: <[Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer - Concepción Gimeno de Flaquer](#)>. Acesso em: 13 abr. 2025.

“*La mujer hermosa*”, “*La maestra*” e “*La obrera mexicana*”, publicadas entre os anos de 1883 e 1884, e que serão analisadas neste estudo. Cada crônica tem um tema específico central e muito pertinente: o acesso das mulheres à educação formal em diálogo com o matrimônio e a maternidade; a objetificação da mulher na sociedade; a inserção da mulher ao mercado de trabalho; e o conceito de interseccionalidade, respectivamente.

Milhares de mulheres em todo o mundo ainda sofrem diariamente com o machismo e o patriarcalismo, sendo muitas delas privadas de estudar, trabalhar ou simplesmente usufruir de sua liberdade (Beauvoir, 1967). A partir disso, pretende-se pensar como este estudo é relevante, refletindo como as obras analisadas trazem contribuições para modificar a vida das mulheres e em como refletem as problemáticas inerentes do ser mulher em sua época, e em como a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher ainda persistem, mesmo após séculos de lutas pela igualdade. É de extrema importância problematizar essas questões, a fim de promover mudanças no panorama feminino dentro das sociedades.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a desigualdade de gênero e a evolução do papel social feminino a partir de diferentes contextos culturais e históricos, com base nos escritos de Concepción Gimeno de Flaquer em *El Álbum de la Mujer*. Para alcançar esse propósito, propõe-se como objetivos específicos: a) compreender a construção do papel social feminino na sociedade e sua evolução, com base no texto *Esposa y madre*; b) refletir sobre questões como a objetificação feminina, tal como era percebida e retratada por Flaquer em uma época distinta da contemporaneidade, no texto *La mujer hermosa*. c) analisar a acessibilidade das mulheres ao mercado de trabalho, a partir da análise do texto *La maestra*; d) explorar o conceito de interseccionalidade, com foco especial nas interações entre desigualdade de gênero e desigualdade social, no texto *La obrera mexicana*.

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, e com objetivos exploratórios, que a partir de uma abordagem hermenêutica analisará as obras literárias de Flaquer (1883; 1884), à luz das teorias apresentadas por Flaquer (1900), Beauvoir (1967), Garcia (2011) e Solnit (2016).

Quanto à estrutura, o trabalho está dividido em: introdução; fundamentação teórica, nomeada “A mulher como sujeito histórico social”, composta por quatro subtópicos: “Aprender a ser mulher: a formação feminina sob os papéis sociais tradicionalmente impostos”, “A dualidade entre o ser humano e o objeto”, “A mulher no mercado de trabalho: invisibilidade, desigualdade e resistência” e “Cruzando opressões e entrelaçando lutas a partir de múltiplas vozes”, respectivamente.

O terceiro capítulo, intitulado “Revisitando a obra de Concepción Gimeno de Flaquer”, apresenta a análise de quatro crônicas da autora, distribuídas em quatro subtópicos nomeados pelos títulos de cada texto analisado. E por fim as considerações finais, na qual é feita uma reflexão sobre a pesquisa.

## 2 METODOLOGÍA

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, uma vez que “[...] está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p.65). Assim, trabalhando diretamente com a revisão dos textos literários, propõe-se analisar a temática-problema da pesquisa, fazendo um “[...] levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico [...]” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p.66).

Caracteriza-se, quanto à sua abordagem, como qualitativa, na qual “[...] a pesquisa depende, fundamentalmente, da competência teórica e metodológica do cientista social. Trata-se de um trabalho que só pode ser realizado com o uso da intuição, da imaginação e da experiência do sociólogo”(Martins, 2004, p.293), e por isso busca analisar e explicar os fenômenos presentes nas obras.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois “visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. [...] Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de caso” (Oliveira e Silva, 2004, p. 15). A investigação propõe-se a apresentar distintos problemas sociais oriundos do machismo e patriarcalismo, os quais aprisionam a mulher na sociedade, a partir da análise de obras literárias.

Quanto aos métodos utilizados, as análises se dão a partir de uma perspectiva hermenêutica. Segundo Eagleton (2006), “[...]a palavra “hermenêutica” significa a ciência ou a arte da interpretação”(p.100); “A hermenêutica vê a história como um diálogo vivo entre o passado, presente e futuro, e busca pacientemente eliminar obstáculos a essa interminável comunicação mútua”(p.111-112); “A hermenêutica não considera a possibilidade de que as obras literárias sejam difusas, incompletas e internamente contraditórias, embora muitas razões nos levem a supor isso”(p.113). Logo, esta pesquisa propõe uma análise e interpretação textual fundamentada no conceito de hermenêutica, que interliga a interpretação, a análise textual comum e a arte textual, sem abrir mão da responsabilidade ética do pesquisador.

Inicialmente, foi decidido que esta pesquisa se daria a partir do estudo de

uma obra literária hispânica que abordasse questões de gênero direcionadas à mulher na sociedade. A partir disso, foram realizadas algumas pesquisas até a escritora espanhola Concepción Gimeno de Flaquer ser selecionada; o que ocorreu pela riqueza de sua obra, na qual se pode perceber uma defesa muito grande dos direitos femininos para a época. E também porque existem poucos estudos acadêmicos que analisam sua obra, o que torna esta pesquisa mais original. Depois de escolher a autora, foram escolhidas quatro crônicas de sua autoria para serem analisadas, todas publicadas no México no final do século XIX.

A pesquisa é um estudo analítico das crônicas *“Esposa y madre”*, *“La mujer hermosa”*, *“La maestra”* e *“La obrera mexicana”*, de Concepción Gimeno de Flaquer, obras literárias que abordam diretamente questões sociais e de gênero profundamente arraigadas na sociedade.

A análise e interpretação das crônicas têm como objetivo promover uma reflexão crítica sobre a forma como as questões de gênero são abordadas e percebidas pela escritora na literatura, em um contexto social e em uma época distinta. As crônicas de Flaquer têm uma abordagem filosófica, razão pela qual será investigado como a autora percebia e reproduzia em seus escritos a desigualdade de gênero. Será observado como a autora percebe e traz em suas obras questões de gênero, a partir de seu contexto histórico e social.

Utilizando como principal aporte teórico a obra *“O segundo sexo”* de Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949 e traduzido para o português em 1967, serão problematizadas temáticas como: a educação da mulher e o matrimônio; a objetificação feminina; a inserção da mulher no mercado de trabalho; e o conceito de interseccionalidade. Compõem também o referencial teórico desta pesquisa as obras: *“Evangelios de la mujer”* de Concepción Gimeno de Flaquer (1900); *“Breve história do feminismo”* de Carla Cristina Garcia (2011); e *“Los hombres me explican cosas”* de Rebecca Solnit, publicado originalmente em 2014 e traduzido para o espanhol em 2016.

### 3 A MULHER COMO SUJEITO HISTÓRICO E SOCIAL

Neste capítulo, será desenvolvida a fundamentação teórica do presente trabalho, na qual se pretende discutir aspectos relevantes acerca da condição da mulher na sociedade. Serão utilizados, como principais aportes teóricos, quatro obras emblemáticas de escritoras que defendem a causa feminista: *Evangelios de la mujer* de Concepción Gimeno de Flaquer (1900); *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1967); *Breve história do feminismo* de Carla Cristina Garcia (2011); e *Los hombres me explican cosas* de Rebecca Solnit (2016).

As obras são de épocas e lugares distintos: Flaquer é espanhola; Beauvoir é francesa; Garcia é brasileira; e Solnit é estadunidense. Essa diversidade temporal e geográfica das obras amplia o horizonte de investigação da pesquisa. Este capítulo propõe entender como as questões de gênero são abordadas na sociedade em distintos contextos históricos e sociais, e como cada uma das estudiosas percebe e problematiza essas desigualdades enfrentadas pelas mulheres.

A seguir, serão apresentados subtópicos que aprofundam as temáticas centrais do trabalho. Serão discutidos, respectivamente: a educação formal feminina em diálogo com o matrimônio e a maternidade; o processo de objetificação da mulher na sociedade; a inserção da mulher no mercado de trabalho; e o conceito de interseccionalidade.

#### 3.1 Aprender a ser mulher: a formação feminina sob os papéis sociais tradicionalmente impostos

Concepción Gimeno de Flaquer, em seu livro teórico *Evangelios de la mujer* (1900), faz uma espécie de desabafo no qual compartilha o infortúnio de a sociedade considerar a ciência, ou seja, a aquisição de conhecimentos, algo inapropriado para as mulheres. A sociedade do final do século XIX e início do século XX era extremamente machista e patriarcal e não via uma razão concreta para uma mulher querer estudar. Isso era algo que “não seria útil” para elas e

“também não seria bom” que as mulheres desenvolvessem pensamento crítico e subjetivo ou qualquer coisa que as afastasse da submissão.

Há sérios temores sobre o perigo que corre ao se dedicar às ciências. A opinião pública, que é o eco das apreciações masculinas, afirma que o delicado organismo da mulher sofre, que seu espírito enfraquece, que seu coração se resseca. O senso comum acredita que a seiva da ciência é, para nossos sentimentos, um veneno infernal. Que insensatez! Sorver a ciência enfraquece; bebê-la em grandes doses fortalece (Flaquer, 1900, p. 62-63, **Tradução nossa**)<sup>2</sup>.

Flaquer denuncia a repressão disfarçada de cuidado que as mulheres sofriam: consideradas demasiadamente delicadas para o estudo, porém bem preparadas para os afazeres domésticos. Ao satirizar a opinião pública da época que alegava que “a ciência fazia padecer o organismo feminino, ao mesmo tempo em que debilitava o seu espírito e dissecava seu coração”, a autora está expondo a desvalorização e depreciação da capacidade intelectual feminina.

As incumbências femininas consistiam em manter cuidadosamente a organização do lar e da família, logo as duas coisas que deveriam ser consideradas mais importantes na vida da mulher eram o casamento e a maternidade, pois assim a mulher desempenhava seu “papel sagrado”, que seria o ato de criar vida; portanto o sistema patriarcal da época não poderia permitir que as mulheres se distraíssem dos seus “deveres”, ou mesmo que comesçassem a pensar como sujeitos ativos da sociedade, por isso essa rejeição à formação intelectual de mulheres e as desigualdades de gênero eminentes.

Para refletir sobre a desigualdade de gênero, é importante pensar nos primórdios onde ela se origina: a infância. Ao longo desse período, não há disparidades físicas entre meninos e meninas. As crianças brincam, brigam e se divertem juntas sem qualquer problema. Contudo, ao iniciarem a puberdade, começam a surgir disparidades, uma vez que ocorrem mudanças hormonais e físicas tanto nas meninas quanto nos meninos. As meninas, que outrora brincavam em igualdade, agora precisam conviver com as disparidades físicas.

Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem

---

<sup>2</sup> Hay serios temores acerca del peligro que corre al entregarse a las ciencias; la opinión pública, que es el eco de las apreciaciones del hombre, dice que el delicado organismo de la mujer padece, que se debilita su espíritu, que se deseca su corazón. El vulgo cree que la savia de la ciencia es para nuestros sentimientos un tósigo infernal. ¡Qué insensatez! Libar la ciencia debilita; bebería á grandes dosis fortalece (Flaquer, 1900, p. 62-63).

imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada (Beauvoir, 1967, p.9-10).

Não há, durante os três ou quatro primeiros anos, diferença entre a atitude das meninas e a dos meninos; tentam todos perpetuar o estado feliz que precedeu a desmama; neles como nelas deparamos com condutas de sedução e de parada: eles desejam tanto quanto elas agradar, provocar sorrisos, ser admirados (Beauvoir, 1967, p. 11).

Segundo Beauvoir (1967), naturalmente, meninos e meninas não nascem com diferenças de comportamento oriundas do gênero; ambos têm aspirações semelhantes e desejam atenção da mesma forma. A autora enfatiza que, na infância, as meninas possuem a mesma capacidade intelectual que os meninos, sem distinções. No entanto, desde muito cedo, as meninas recebem uma educação voltada para ensiná-las sobre coquetismo, feminilidade, maternidade, tarefas femininas, entre outros aspectos. Isso automaticamente impõe distinções entre os dois gêneros desde a infância, uma vez que as meninas são criadas para seguir o modelo de mulher que a sociedade espera delas. Enquanto isso, os meninos recebem certa liberdade de escolha para decidir aspectos fundamentais de suas vidas, como, por exemplo, a profissão que exercerão quando adultos, obviamente dentro do papel social idealizado pela família, mas com mais autonomia. Essa liberdade é um “presente” que, muitas vezes, é negado às meninas.

É pertinente destacar que, para os meninos, também há muitas cobranças. Desde cedo, tenta-se internalizar em suas mentes que eles devem ser os provedores do lar, ter uma família respeitável e honrada, e ser figuras respeitáveis dentro da sociedade, entre outras exigências. Assim, percebe-se que esse machismo<sup>3</sup> e patriarcalismo<sup>4</sup> não são algo inerente à natureza masculina. Trata-se,

---

<sup>3</sup> “O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-domações que utiliza do argumento sexo, mistificando assim as relações entre homens e mulheres, reduzindo-os a seres hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. [...] Assim, o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade” (Drumont, 1980, p.82).

<sup>4</sup> “O regime patriarcal se sustenta em uma economia domesticamente organizada, sendo uma maneira de assegurar aos homens os meios necessários à produção diária e à reprodução da vida. Ele se estabelece como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres, as quais tornam-se seus objetos de satisfação sexual e reprodutoras de seus herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Trata-se de um direito político. A liberdade civil não pode ser compreendida sem a criação do direito patriarcal dos homens sobre as mulheres. Este pacto é social, pois cria o direito político dos homens sobre as mulheres, e é também sexual, porque estabelece um acesso sistemático dos homens ao corpo feminino”(Da Cunha, 2014, p. 154-155).

evidentemente, de imposições das antigas sociedades que continuam sendo perpetuadas. Esses costumes arcaicos se proliferam dentro das sociedades como um vírus, compelindo os homens a assumir o papel dominante por obrigação, caso contrário, não serão considerados homens exemplares. Da mesma forma, as mulheres são compelidas à submissão para serem vistas como dignas e respeitáveis.

Esse tipo de “educação”, que obriga as meninas a esquecerem sua subjetividade e livre-arbítrio, nada mais é do que um sistema opressor da sociedade patriarcal, que busca transformar meninas em seres submissos e passivos, para que no futuro elas não representem um problema. As noções de passividade, coquetismo e maternidade mencionadas por Beauvoir são enraizadas no subconsciente das meninas desde muito cedo, preparando-as precocemente para o casamento. Essa realidade é antiga e perdura há muito tempo.

Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (Beauvoir, 1967, p.22).

Em muitos casos, meninas e mulheres são tratadas como “bonecas vivas”, tendo suas vontades subjugadas e sua liberdade retirada, até que essa dinâmica se aproxime de uma “desumanização” feminina. Nesse contexto, a mulher não desfruta do mundo ao seu redor e vive no conformismo de uma vida fatigante e sem desenvolvimento. Não se esperava que a mulher se tornasse um sujeito ativo na sociedade, uma cidadã; toda a sua educação era voltada para o lar. Desde muito cedo, as meninas eram treinadas para, no futuro, serem boas esposas e mães, senhoras do lar ou prisioneiras dele.

Por muito tempo, as mulheres foram consideradas “naturalmente inferiores” aos homens. Por essa razão, não podiam exercer funções importantes nem assumir cargos de poder, o que perpetuava uma misoginia medieval (Garcia, 2011). Essa visão privava as mulheres de oportunidades acadêmicas e laborais. Contudo, havia exceções: mulheres de famílias ricas conseguiam, ainda que de forma limitada, acessar o sistema educativo da época. Por outro lado, mulheres pobres não tinham acesso à educação formal e eram quase sempre obrigadas a

trabalhar, geralmente como empregadas domésticas, lavadeiras ou em atividades rurais, para ajudar no sustento da família.

[...] A importância dada à educação gerou numerosos tratados pedagógicos e abriu o debate sobre a natureza e os deveres dos sexos. A esse intenso debate que durou muitos séculos dá-se o nome de *Querelle de femmes*. [...] As mulheres que participaram na *querelle* foram as que Virginia Woolf chamou "as filhas dos homens cultos", filhas, irmãs ou sobrinhas de humanistas que foram educadas por estes e se rebelaram contra aqueles que as prepararam para uma sociedade que proibia a entrada de mulheres. Elas descobriram que o ideal universal de *humanitas* não era este, já que não incluía mulheres. Essa situação contraditória despertou nelas uma consciência ao mesmo tempo moderna e feminista (Garcia, 2011, p. 26).

Segundo Garcia (2011), o movimento a favor da educação feminina ganhou visibilidade e relevância a partir do movimento *Querelle de femmes*, que, por sua vez, defendia uma forte oposição à misoginia. Este movimento social a favor da luta feminina foi protagonizado por mulheres chamadas de "as filhas de homens cultos", que integravam famílias de estudiosos e, por isso, tiveram acesso a uma educação formal e puderam desenvolver suas habilidades intelectuais. Essas mulheres desenvolveram uma consciência crítica a partir do conhecimento inerente que possuíam e perceberam que viviam em uma sociedade misógina. Assim, rebelaram-se contra o sistema de exclusão feminina que marginalizava mulheres, originando ideais modernistas e feministas.

Consideradas as primeiras feministas - mulheres da aristocracia e alta burguesia, solteiras, independentes economicamente-, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao amor e ao prazer sexual, o acesso à mesma educação intelectual dada aos homens. Questionando a instituição casamento e os papéis de esposa e mãe como destino da mulher, elas inverteram os valores sociais da época. Apesar de seus opositores, elas conseguiram algumas mudanças (Badinter *Apud* Garcia, 2011, p.32).

As mulheres retratadas por Badinter na citação trazida por Garcia (2011) eram "as preciosas francesas", participantes de outro movimento social chamado *Preciosismo*. Este movimento criticava a subordinação feminina estabelecida social, jurídica e religiosamente. Segundo Garcia, "as preciosas defendiam a capacidade feminina para o pensamento crítico desde que às mulheres fossem franqueados a educação, o acesso à cultura escrita e à erudição" (p. 34).

O fragmento de texto sublinha que essas mulheres pertenciam à aristocracia e à alta burguesia e eram independentes economicamente e era isso o

que lhes permitia desafiar as normas sociais da época. Essa independência das "Preciosas" possibilitava que elas pudessem desafiar o sistema patriarcal sem necessariamente depender do apoio de uma figura masculina. Uma vez mais, García traz a ideia de que as mudanças eram buscadas por mulheres da alta sociedade, pois seriam elas as que, apesar de muita resistência, conseguiriam alcançar mudanças, considerando que as mulheres pobres não tinham nenhum espaço de fala dentro da sociedade.

Os ideais defendidos por essas ativistas coincidem, em muitos aspectos, com os princípios do atual movimento feminista. Entre eles, destacam-se a equidade de gênero, o direito ao amor e ao prazer sexual, e o acesso à educação e à formação intelectual em igualdade com os homens<sup>5</sup>. Elas também questionavam e problematizavam os papéis de esposa e mãe como destino inevitável das mulheres, um posicionamento particularmente significativo, pois buscava, de certa forma, revolucionar a organização social da época.

Há outros tipos de arquitetura menos transportáveis que mantêm as mulheres confinadas em casas, na esfera doméstica das tarefas do lar e da criação dos filhos, e por isso fora da vida pública e incapazes de circular livremente. Em muitas sociedades, as mulheres foram confinadas nas casas para controlar suas energias eróticas, algo necessário em um mundo patrilinear para que os pais pudessem saber quem eram seus filhos e construíssem suas próprias linhagens de procriação. Nas sociedades matrilineares, esse tipo de controle não é tão essencial (Solnit, 2016, p.50, **Tradução nossa**).<sup>6</sup>

Segundo Solnit (2016), existem alguns tipos de arquitetura projetados para controlar as mulheres. Mantê-las no lar, ocupadas com as tarefas domésticas, a criação dos filhos e o cuidado do marido é um exemplo disso. Afinal de contas, sempre foi assim: as mulheres eram criadas para o lar, e o mundo exterior sempre foi algo exclusivamente masculino, muito distante da realidade feminina. O mercado de trabalho, a convivência em sociedade e a vida pública eram

---

<sup>5</sup> A luta das "preciosas" não era pautada na luta de classes e raças, por exemplo. Porém o atual movimento feminista se preocupa com diversas questões interseccionais.

<sup>6</sup> Hay otros tipos de arquitectura menos transportables que mantienen a las mujeres confinadas en casas, en la esfera doméstica de las tareas del hogar y la crianza de los niños, y por ello fuera de la vida pública e incapaces para la libre circulación. En muchas sociedades las mujeres han sido confinadas en las casas para controlar sus energías eróticas, algo necesario en un mundo patrilinear para que los padres pudiesen saber quiénes eran sus hijos y construyesen sus propios linajes de procreación. En las sociedades matrilineales, este tipo de control no es tan esencial (Solnit, 2016, p.50).

possibilidades inacessíveis às mulheres, mas sempre foram atividades destinadas aos homens.

Durante grande parte de sua história no Ocidente, as leis que definiam o casamento transformavam, basicamente, o marido em proprietário e a esposa em uma posse; ou o homem no chefe e a mulher em serva ou escrava. [...] Sob essas leis, a vida da mulher dependia da disposição de seu marido, e, embora houvesse maridos amáveis, assim como havia maridos desagradáveis, os direitos são muito mais confiáveis do que a bondade de alguém que detém poder absoluto sobre você. E os direitos ainda estavam muito distantes (Solnit, 2016, p. 42, **Tradução nossa**)<sup>7</sup>.

Solnit (2016) expõe como, durante grande parte da história ocidental, o casamento foi institucionalizado a partir de desigualdade de gênero e subordinação feminina. A autora denuncia firmemente que as mulheres representavam uma posse desumanizada para os seus maridos. Assim, havia uma completa dominação masculina e uma submissão feminina total, de forma que as mulheres estavam totalmente à mercê da vontade de seus maridos e em uma situação de vulnerabilidade, uma vez que alguém tendo pleno poder sobre sua vida se torna algo perigoso. Solnit termina sua fala afirmando que os direitos ainda estavam muito distantes, e isso indica que os níveis de desigualdade de gênero naquela sociedade patriarcal eram muito altos e difíceis de se reverter. Esse fragmento problematiza e critica a ferramenta de controle e submissão feminina que era, e por vezes ainda é, o casamento.

Apesar de séculos de lutas, de inúmeros movimentos sociais a favor da causa feminista, e mesmo tendo conquistado muitos avanços, como, por exemplo, o direito ao voto, educação digna e de qualidade, amplo acesso ao mercado de trabalho, as mulheres ainda convivem todos os dias com a desigualdade de gênero e com repressões. Ainda que atualmente as mulheres tenham ganhado espaço para exercer o papel que quiserem, "[...] sempre se assume que a ambição de cada uma delas não é ser uma grande atriz ou cantora, ou uma voz na luta pela liberdade, ou uma aventureira, mas sim esposa e mãe" (Solnit, 2016, p. 97, **Tradução nossa**)<sup>8</sup>. A sociedade em geral ainda insiste em representar o

---

<sup>7</sup> Durante gran parte de su historia en Occidente, las leyes que definían el matrimonio convertían, básicamente, al marido en propietario y a la esposa en una posesión; o al hombre en el jefe y a la mujer en sirvienta o en esclava. [...] Bajo estas leyes, la vida de la mujer dependía de la disposición de su marido, y aunque había maridos amables además de maridos desagradables, los derechos son mucho más fiables que la amabilidad de alguien que detenta poder absoluto sobre ti. Y los derechos aún estaban bastante lejos (Solnit, 2016, p. 42).

<sup>8</sup> [...] siempre se asume que la ambición de cada una de ellas no es el ser una gran actriz o cantante o una voz en la lucha por la libertad o una aventurera, sino esposa y madre (Solnit, 2016, p. 97).

matrimônio e a maternidade como os deveres sagrados da mulher, o destino inevitável, esquecendo que, depois de séculos de lutas, as mulheres podem finalmente escolher se querem ou não assumir esse "destino".

A verdade é que o lugar da mulher na sociedade sempre foi, e continua sendo, limitado e restrito. A classe feminina da sociedade foi pintada ao longo dos anos simplesmente cumprindo os papéis de esposas, mães ou donas de casa. Além disso, eram retratadas como bonecas vivas, desprovidas de capacidade intelectual ou subjetividade, reduzidas a meros objetos desiderativos e de contemplação. Este processo de desumanização e objetificação das mulheres será discutido a seguir por constituir um problema social iminente.

### 3.2 A dualidade entre o Ser Humano e o Objeto

Em alguns casos as mulheres sofrem ao serem dominadas dentro do casamento, entregues à submissão que muitas vezes o matrimônio implica, elas se veem presas no impasse que é constantemente serem vistas como inferiores, e verem suas capacidades física, intelectual e mental sendo subjugadas.

A cultura da mulher será sempre útil à sociedade, porque se o homem elabora a ideia, ela a encarna em forma humana. Está dotada de talento natural; não é inferior nem superior ao homem, é diferente dele; mas é uma diferença dentro da qual se encontra a equivalência. Se o marido progride e a mulher permanece estacionária, como quereis que haja paz no lar? De dois seres que devem ser harmônicos, fareis dois antagonistas (Flaquer, 1900, p. 37, **Tradução nossa**)<sup>9</sup>.

Flaquer (1900) problematiza que dentro de uma relação matrimonial não pode haver desigualdade, ou seja, não pode haver o movimento de dominação e submissão dentro de um casamento, porque se for assim não haverá harmonia no lar. A autora defende a ideia de que a mulher não é inferior e nem superior ao homem, estabelecendo assim um ideal de igualdade entre os dois sexos. Ressalta que a mulher é diferente, mas que se pode encontrar equivalência nessa diferença, ou seja, biologicamente há diferenças entre os dois gêneros, porém, ambos estão dotados dos mesmos talentos naturais.

A mulher não pode ser privada do progresso por seu marido. Logo, em um matrimônio, homem e mulher devem progredir juntos para que haja harmonia e

---

<sup>9</sup> La cultura de la mujer será siempre útil a la sociedad, porque si el hombre elabora la idea, ella la encarna en forma humana. Hállase dotada de talento natural; no es inferior ni superior al varón, es diferente á él; pero es una diferencia dentro de la cual se halla la equivalencia. Si el marido progresa y la mujer permanece estacionaria, ¿cómo quereis que haya paz en el hogar? De dos seres que deben ser harmónicos, haréis dos antagonistas (Flaquer, 1900, p. 37).

paz. Flaquer, como uma filósofa engajada em questões sociais, e considerada uma das precursoras do movimento feminista, enxerga esse progresso mútuo como melhores oportunidades de vida, acesso à educação, o desenvolvimento da capacidade intelectual feminina e a inserção da mulher em âmbitos que antes lhe eram vedados (Lissorgues, *Cervantes Virtual, texto online*).<sup>10</sup>

O conceito de progresso, também chamado de desenvolvimento, vem sendo discutido desde o período do Iluminismo, especialmente durante o chamado Século das Luzes. No entanto, só passou a ser amplamente reconhecido após a Segunda Guerra Mundial, momento em que diversas mudanças políticas e econômicas ocorreram em escala global. No século XVIII, o progresso foi definido como a possibilidade de melhorar a vida humana por meio da tecnologia, da ciência e da organização social. A partir do século XIX, o progresso passou a ser associado à ideia de evolução social (OLIVEIRA, 2010)<sup>11</sup>. É justamente entre meados do século XIX e início do século XX que viveu e atuou Flaquer, motivo pelo qual sua compreensão de progresso se alinha às discussões predominantes em sua época, considerando que ela buscava defender novas possibilidades para a condição feminina.

Flaquer (1900) afirma que, ao não ser superior ou inferior, a mulher almeja ser reconhecida como o sujeito social que tem pleno direito de ser: “a mulher, que realmente não é nem diabo nem anjo, rejeita impugnações e elogios hiperbólicos e quer ser considerada unicamente como mulher. Basta-lhe sê-lo em toda a bela acepção dessa palavra” (p.96, **Tradução nossa**).<sup>12</sup> No discurso de Flaquer percebe-se uma explícita defesa da cidadania feminina, enquanto de forma implícita nota-se uma denúncia à objetificação feminina e a forma como eram retratadas as mulheres. A dicotomia entre “anjo e diabo” estabelecida demonstra a forma de representação social da mulher na época, que dividia as mulheres em

---

<sup>10</sup>LISSORGUES, S. H. Itinerario de una filósofa y creadora del siglo XIX: Concepción Jimeno de Flaquer. **Cervantes Virtual**. Disponível em:<[Itinerario de una filósofa y creadora del siglo XIX: Concepción Jimeno de Flaquer | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 11 abr. 2025.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Juliano Diniz de. **O Conceito de Desenvolvimento: origens, perspectivas e debates. In: Ordem, Instituições e Governança: uma análise sobre o discurso do desenvolvimento no Sistema ONU e a construção da ordem internacional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<[Microsoft Word - 0812650\\_2010\\_cap\\_3.doc](#)>. Acesso em: 19 abr. 2025.

<sup>12</sup> La mujer, que realmente no es ni diablo ni ángel, rechaza impugnaciones y elogios hiperbólicos y quiere ser considerada únicamente como mujer. Bástale serlo en toda la hermosa acepción de esta palabra (Flaquer, 1900, p.96).

dois extremos: a mulher boa e a má, a pura e a perdida, a que possui beleza angelical e a que possui beleza “erótica”, por assim dizer.

[...] é mais fácil para uma mulher defender sua virtude contra os homens do que sua reputação contra as mulheres. – Dolorosa verdade! Com exceção dos seres dotados de um espírito muito superior, quando duas mulheres se reúnem, cada língua tende a se transformar em uma catapulta que lança projéteis envenenados contra aquelas que levam o nome de amigas. Se em nossa época há poucos atos sublimes, poucas ações grandiosas, é porque falta no sexo feminino o entusiasmo sagrado que deveria inspirar o homem a realizar as mais árduas empreitadas. As frívolas movem-se abrasadas por uma ardente sede de prazeres: contam os dias pelo número de festas a que podem comparecer; são indiferentes a tudo o que não seja exhibir-se, ostentar vestidos, causar deslumbramento com seus soberbos trajes e derrotar suas rivais (Flaquer, 1900, p.201, **Tradução nossa**)<sup>13</sup>.

Flaquer problematiza o fato de que as próprias mulheres não se ajudam, e muitas vezes contribuem para a desvalorização umas das outras. Com a frase “é mais fácil para uma mulher defender sua virtude contra os homens do que sua reputação contra as mulheres” fica claro que nem sempre são os homens os algozes femininos, boa parte das vezes a própria classe se autossabota.

A virgindade, por conseguinte, era a condição sine qua non para legitimar e comprovar sua honra e boa fama da mulher, possibilitando ao marido, caso descobrisse, que sua esposa não fosse mais “pura, virgem”, para a união, poderia este, sobre respaldo do código civil, solicitar a anulação do casamento. [...] Portanto, virgindade, naquele contexto, estava vinculada diretamente ao caráter individual de uma mulher, por isso possibilitava a esta um bom comportamento, agir corretamente em seus atos para não deturpar sua imagem e conseqüentemente sua conduta moral e de sua família. Para tanto, a honra sexual das mulheres estava diretamente ligada à honra moral da família e à honra nacional, uma vez que a família representava a base da nação (Matos; Abrantes, 2013, p. 9-10).

Matos e Abrantes (2013) discutem a virgindade como legitimadora da honra e da boa fama feminina. Perder a virgindade antes do casamento era entendido como perder a própria honra e a moral, comprometendo conseqüentemente a reputação de toda a família. Tal perda significava também deturpar a imagem da mulher diante da sociedade. A mulher que não era mais virgem corria o risco de ser rejeitada por um futuro marido, caso ele descobrisse que ela não era “pura”,

---

<sup>13</sup> [...] es más fácil á una mujer defender su virtud contra los hombres que su reputación contra las mujeres.- ¡Dolorosa verdad! A excepción de los seres dotados de espíritu muy superior, cuando se reúnen dos mujeres, cada lengua suele convertirse en catapulta que arroja proyectiles envenenados contraías que llevan el nombre de amigas. Si en nuestra época se ven pocos actos sublimes, pocas acciones grandes, es porque falta en el sexo femenino el entusiasmo sagrado que ha de animar al hombre impulsándole á realizar las más arduas empresas. Las frívolas se agitan abrazadas en una ardiente sed de goces: cuentan los días por el número de las fiestas á que pueden asistir; son indiferentes á cuanto no sea exhibirse, lucir trajes, causar deslumbramiento con sus soberbios trenes y derrotar á sus rivales (Flaquer, 1900, p.201).

sendo, assim, humilhada publicamente. Os autores analisam o contexto brasileiro entre os anos de 1880 e 1920, período que coincide com a época em que Flaquer escrevia. A problemática apresentada por eles se entrelaça com o discurso da autora, que abordava exatamente o mesmo tema, o que comprova que essa questão era um problema de alcance global.

Retomando a citação de Flaquer, quando se fala em “virtude”, ou seja, em virgindade, como algo que necessita ser defendido, há uma regressão de séculos até uma época em que o valor da mulher era sua honra e esta era a “pureza” de seu corpo que devia ser protegida a todo custo. Neste contexto, a reputação da mulher se tornava algo que facilmente poderia ser perdido, considerando que qualquer ação mal interpretada poderia se tornar alvo de julgamento alheio e um julgamento maldoso poderia “manchar” a imagem das mulheres na sociedade da época.

Ao final dessa citação, Flaquer se refere a mulheres que “são indiferentes a tudo o que não seja exibir-se, ostentar vestidos, causar deslumbramento com seus soberbos trajes e derrotar suas rivais”, apresentando de certa forma como o processo de objetificação refletia nas mulheres da época. Quando Flaquer fala sobre “derrotar rivais”, percebe-se que havia um movimento de competição entre as mulheres daquela sociedade; as mulheres disputavam sobre quem vivia melhor ou era mais bonita. Esta rivalidade feminina é algo ainda muito presente nas sociedades contemporâneas.

A problemática apresentada pela autora se faz maior no momento em que se percebe, também em seu discurso, um julgamento contra muitas mulheres que são chamadas de “frívolas”. Flaquer coloca em questão o comportamento dessas mulheres, julgando sua forma de ser, criando assim, uma incompatibilidade com a ideia que vinha defendendo até então. Quando Flaquer, enquanto escritora, mulher e feminista, refere-se a um determinado grupo de mulheres como “as frívolas”, pode-se perceber, em seu discurso, um viés machista oriundo do contexto histórico e social no qual ela vivia.

Concepción defende a mulher do domínio masculino, mas expõe também, os problemas que são gerados pelas próprias mulheres. Ao final desta citação, a autora tenta fazer uma crítica à “frivolidade”, como ela própria denomina; fator que ela considera contribuir muito para o aumento da objetificação feminina e a desvalorização de sua capacidade cognitiva e intelectual. Em uma época na qual

as mulheres, ainda que totalmente capazes e independentes, necessitavam de um apoio masculino perante a sociedade para estabelecer um negócio ou fidelizar-se de alguma forma, Gimeno de Flaquer afirma faltar na maioria das mulheres o entusiasmo necessário que animaria os homens a ajudá-las; por isso na época havia poucas ações notáveis realizadas por mulheres.

Essas mulheres são profundamente desgraçadas: com o senso moral completamente desviado, critérios muito equivocados, querem buscar a felicidade onde não pode ser encontrada. Insaciáveis quanto às satisfações puníveis da vaidade, mesmo estando nos teatros, nos passeios e nos bailes, o brilho dos diamantes que ostentam é impotente para esconder a nuvem de tristeza que cobre suas testas. A beleza dessas mulheres murcha rapidamente, porque são corroídas pela doença do século: uma ambição jamais saciada, o desejo de obter mais do que possuem, a ânsia pelo inalcançável, desejos sem meta, utopias absurdas, sonhos irrealizáveis. Mulheres, fixemos nossas ideias! Lutemos para alcançar a perfeição mais ideal. Enquanto existir a mulher ideal, o entusiasmo no coração dos homens não se apagará. A mulher sonhada pelos feministas é aquela que deverá regenerar o seu sexo (Flaquer, 1900, p.202, Tradução nossa).<sup>14</sup>

Flaquer fala de mulheres com uma ideia moral extraviada, com desejos fúteis e insaciáveis, mulheres ambiciosas, cheias de utopias e sonhos irrealizáveis. Segundo Flaquer, essas mulheres se importam apenas com futilidades como frequentar festas, estar arrumadas e protagonizar rivalidades femininas e são pioneiras em ridicularizar a capacidade da mulher.

Muitas vezes, a objetificação feminina, fundamentada nas ações das próprias mulheres, não se limita à depreciação de seu intelecto enquanto indivíduos pensantes. Ela também pode assumir um caráter sexual, transformando seus corpos em meros objetos eróticos e restringindo suas qualidades apenas à aparência. Isso ocorre porque os padrões de beleza estão tão enraizados no subconsciente feminino que muitas mulheres podem acreditar que precisam segui-los, mantendo-se sempre bonitas e desejáveis para serem aceitas pela sociedade. A vaidade e o prazer sexual não são, em si, negados às mulheres, mas é importante compreender que suas qualidades e atividades não precisam estar

---

<sup>14</sup> Estas mujeres son desdichadísimas: el sentido moral completamente extraviado, muy erróneo el criterio, quieren buscar la felicidad donde no puede encontrarse. Insaciables para las punibles satisfacciones de la vanidad, aunque se hallen en los teatros, en los paseos y en los bailes, el brillo de los diamantes que ostentan es impotente para ocultar la nube de tristeza que cubre sus frentes. La belleza de estas mujeres marchitase pronto, porque las corroe la enfermedad del siglo, que consiste en una ambición jamás saciada, anhelo de obtener más de lo que poseen, afán de lo inalcanzable, deseos sin meta, utopias absurdas, sueños irrealizables. ¡Mujeres, fijemos nuestras ideas! Luchemos por adquirir la perfección más ideal. Mientras exista la mujer ideal, no se apagará el entusiasmo en el corazón de los hombres. La mujer soñada por los feministas es la que ha de regenerar a su sexo (Flaquer, 1900, p.202)

necessariamente relacionadas a esses aspectos como forma de pertencimento ou validação social.

Beauvoir (1967) afirma que “[...] as mulheres que são profundamente coquetes, que se apreendem essencialmente como objeto erótico, que se amam na beleza de seu corpo, sofrem ao se verem deformadas, feias, incapazes de suscitar o desejo” (p.270). Isso acontece porque o machismo enraizado na sociedade faz com que a aparência física feminina seja considerada essencial para que as mulheres sejam bem sucedidas.

Com esse requisito previamente estabelecido, resta-lhes apenas internalizar um arquétipo: o da mulher coquete, delicada, "para casar"; e/ou o da mulher erótica, sedutora, aquela que realiza fantasias. Como afirma Beauvoir (1967): “A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa” (p.345).

Com a experiência que a idade traz, a mulher deixa, pouco a pouco, de ser um objeto desejável. E isso não ocorre apenas porque é considerada velha para os prazeres carnis, pois pode ainda manter seu vigor, mas porque o tempo pode lhe conferir algo que não se tira: sabedoria, maturidade e discernimento. Embora envelhecer não signifique necessariamente adquirir sabedoria, a experiência de vida abre a possibilidade de ser sábia. Uma mulher madura pode não ser manipulável como uma jovem sem experiência pode ser.

A sabedoria, bem como a capacidade de discernir, é algo que lhe retira a venda dos olhos. Conseguindo interpretar as situações que permeiam seu contexto social para perceber o processo de objetificação, a mulher não precisa se esforçar para agradar ninguém, nem aceitar ser tratada como uma coisa, um móvel sem vida ou vontade própria.

A objetificação feminina ocorre de diversas maneiras dentro das esferas da sociedade, sendo um problema complexo e repleto de nuances. As mulheres são incentivadas a se encaixar em modelos socialmente construídos, em grande parte, por homens. Essa divisão dos modelos femininos evidencia uma questão que atravessa séculos e ultrapassa barreiras temporais, categorizando as mulheres em dois grupos: a mulher "para casar" e a mulher "para caçar".

As mulheres "temperamentais" são as que conciliam o langor ao "fogo", como as italianas ou as espanholas, isto é, cuja ardente vitalidade se funde por inteira na carne. Fazer-se objeto, fazer-se passiva não é a mesma coisa do que ser um objeto passivo: uma mulher amorosa não é nem uma sonsa nem uma morta; há nela um impulso que sem cessar se abate e se renova; é o impulso rendido que cria o encantamento em que o desejo se perpetua (Beauvoir, 1967, p.117).

Segundo Beauvoir (1967), fazer-se um objeto passivo é distinto de ser um objeto passivo. Essa afirmação evoca uma reflexão importante sobre a divisão e categorização dos arquétipos femininos, uma reflexão que questiona e desconstrói a divisão tradicional. Não há nada que impeça uma mulher de incorporar traços de ambos os arquétipos em sua personalidade. A mulher coquete, a "para casar", pode ter desejos e fantasias sexuais que deseja realizar, assim como a mulher do arquétipo erótico, a "para caçar", pode também almejar casar e formar uma família. Beauvoir também reflete que as mulheres são capazes de equilibrar passividade e vitalidade. Elas podem ser amorosas sem que essa característica as torne submissas, e mantêm um impulso renovável de força e desejo.

Deve-se entender o feminino em termos de construção social ou há que se falar de uma essência feminina definida biológica ou filosoficamente? [...] Ou seja, antes de tentar dar a resposta à pergunta "O que é uma mulher?", deve-se deixá-las falar para que nos digam quem são ou quem eram. E isso não só porque às mulheres foram impostos o silêncio e a exclusão, mas também porque a construção do gênero é ao mesmo tempo resultado de um processo de representação e de autorrepresentação (Garcia, 2011, p.22).

Garcia (2011) traz um discurso similar ao de Beauvoir, apesar de estar do outro lado do mundo e de haver mais de meio século de diferença entre suas obras, o que reafirma que a causa feminista luta pelo mesmo ideal e que problemas antigos ainda persistem. Ambas as escritoras problematizam o fato de que, na sociedade, as mulheres recebem uma construção social fixa e determinada, baseada nos papéis de gênero a elas impostos, como a passividade, a submissão, a fragilidade e a objetificação. Essa visão reducionista parte do pressuposto de que a mulher não é um indivíduo complexo, tampouco dotado de subjetividade e singularidade.

Garcia emerge com a pergunta "O que é uma mulher?", provocando uma reflexão no leitor e, ao mesmo tempo, fazendo uma crítica latente à sociedade. A autora enfatiza a necessidade de conceder espaço e lugar de fala às mulheres, uma vez que a elas sempre foram impostos o silêncio e a exclusão. Assim,

poderão dizer quem são e revelar sua identidade, que é algo pessoal e subjetivo. Os questionamentos levantados por Garcia evocam reflexões críticas que buscam desconstruir o modelo feminino rígido e objetificado imposto pela sociedade.

Garcia (2011) cita a declaração de Olympe de Gouges, escrita como uma forma de denúncia social e conscientização feminina, que visava informar as mulheres sobre todos os seus direitos civis, os quais estavam sendo negligenciados. Na declaração, dizia-se que: “A mulher nascia livre e igual ao homem e possuía os mesmos direitos inalienáveis: a liberdade, a propriedade e o direito à resistência à opressão. As mulheres deveriam participar na formação das leis tanto direta quanto indiretamente [...]”(Garcia, p.43).

O documento citado chama-se *Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs*, criado em 1791 pela escritora de textos teatrais Marie Gouze, cujo pseudônimo era Olympe de Gouges. A declaração foi dedicada à rainha Maria Antonieta, considerada pela autora uma mulher oprimida como as demais. Defendendo a igualdade de gênero, a liberdade e a participação ativa das mulheres na sociedade, Gouges foi pioneira na luta pelos direitos femininos. Escreveu mais de quatro mil páginas de diversos gêneros literários para clubes femininos, mas foi acusada de não saber ler ou escrever. Além disso, não recebeu o apoio de seu pai quando decidiu tornar-se escritora. Olympe não conseguiu conquistar os holofotes com suas peças teatrais, mas os atraía por sua beleza ou por questionamentos sobre sua virtude, tornando-se, assim, objeto de críticas dentro da sociedade (Garcia, 2011).

Com base no relato de Garcia, percebe-se que a inteligência feminina é frequentemente subestimada e desconsiderada. Um exemplo disso é a história de Olympe de Gouges, que, apesar de ser escritora de peças teatrais e textos de interesse social, teve seu talento negligenciado pela sociedade. Mesmo quando demonstram talento e engajamento, as mulheres enfrentam uma tendência contínua de desvalorização intelectual. Essa desconsideração está frequentemente atrelada à visão social que privilegia a beleza como a principal qualidade feminina, dificultando avanços significativos e perpetuando a objetificação da mulher.

Enfrentarmos hoje o problema das contribuições das mulheres na história supõe clarear uma série de questões prévias: perfilar um modelo de crítica

feminista, introduzir modelos históricos e genealógicos alternativos, construir a configuração do genérico “as mulheres” que pretendemos que seja sujeito e objeto de nosso discurso (Garcia, 2011, p.107).

A expressão utilizada por Garcia, “o problema das contribuições das mulheres”, reflete uma realidade histórica e cotidiana: por séculos, as mulheres tiveram sua participação na sociedade limitada ao matrimônio, à maternidade e ao cuidado do lar, sendo excluídas da vida acadêmica e profissional. Atualmente, as convenções sociais já reconhecem a presença feminina em praticamente todos os âmbitos, mas isso não significa uma inclusão plena. As mulheres são frequentemente integradas, mas nem sempre possuem um espaço de fala legítimo e amplo.

Temos uma quantidade impressionante de violações e violência contra as mulheres neste país e neste mundo, e é algo que nunca é tratado como um problema de direitos humanos, ou como uma crise, ou nem sequer se considera que haja um padrão. A violência não tem raça, classe, religião ou nacionalidade, mas tem gênero (Solnit, 2016, p.20. **Tradução nossa**)<sup>15</sup>.

Solnit (2016) faz uma denúncia explícita do preconceito e da violência sofridos pelas mulheres, destacando a impressionante quantidade de abusos a que são submetidas. Ela afirma que a violência de gênero não é tratada como uma crise ou uma afronta aos direitos humanos, apesar de a ONU, em sua Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecer segurança, equidade e igualdade para as mulheres, reconhecendo-as como indivíduos de igual valor na sociedade. Esse é um direito universal, contudo, é frequentemente negligenciado.

O padrão é cristalino como a água. Poderíamos falar disso como um problema global, levando em conta a epidemia de assaltos, agressões e estupros de mulheres ocorridos dentro da Praça Tahrir, no Cairo [...] ou a perseguição na Índia, tanto pública quanto privada, que vai do assédio sexual nas ruas à queima de esposas, ou aos «crimes de honra» no sul da Ásia ou no Oriente Próximo; ou a maneira como a África do Sul se tornou a capital do estupro, onde se estima que houve seiscentos mil estupros no ano passado; ou como o estupro tem sido utilizado como tática e «arma» de guerra no Mali, no Sudão e no Congo, da mesma forma que foi na antiga Iugoslávia; ou a persistência do estupro e das agressões sexuais no México e do feminicídio em Juárez; ou a negação de direitos básicos às mulheres na Arábia Saudita e os milhares de abusos sexuais que as trabalhadoras domésticas imigrantes sofrem ali [...] (Solnit, 2016, p.22. **Tradução nossa**)<sup>16</sup>.

<sup>15</sup>Tenemos una cantidad impresionante de violaciones y violencia contra las mujeres en este país, y en este mundo, y es algo que nunca se trata como un problema de derechos humanos, o como una crisis, o ni siquiera se considera que haya un patrón. La violencia no tiene raza, clase, religión o nacionalidad, pero tiene género (Solnit, 2016, p.20).

<sup>16</sup>La pauta es cristalina como el agua. Podríamos hablar de este como un problema global, teniendo en cuenta la epidemia de asaltos, agresiones y violaciones de mujeres producidas en el interior de la plaza Tahrir, en El Cairo [...] o la persecución en la India, tanto pública como privada, que va del acoso sexual callejero a la quema de esposas, o a los «crímenes de honor» en el sur de Asia o en

Ao longo do tempo, as mulheres enfrentaram diversos tipos de preconceito, além de agressões físicas, verbais, emocionais e sexuais. Solnit cita vários lugares mundialmente conhecidos pelos altos índices de violência contra a mulher, mas esse problema não se restringe a essas regiões. Em todo o mundo, as mulheres lidam com desafios diários. No Brasil, por exemplo, a realidade é alarmante: os índices de estupro, assédio, pedofilia—principalmente contra meninas—, feminicídios e violência doméstica são extremamente altos. O número de vítimas é gigantesco e, infelizmente, continua crescendo a cada dia.

O homem, em outras palavras, encarava a situação como uma em que a vítima escolhida não tinha direitos nem liberdades, enquanto ele tinha o direito de controlá-la e castigá-la. Isso deveria nos lembrar que a violência é, sobretudo, autoritária. Começa com esta premissa: tenho o direito de te controlar (Solnit, 2016, p.23. **Tradução nossa**)<sup>17</sup>.

Solnit sugere que a forma como alguém se percebe como vítima ou algoz é uma condição psicológica: a vítima tende a se sentir incapaz, fraca e dependente, enquanto o algoz se vê no direito de controlar e agir com violência. Assim, fica evidente que, na maioria das vezes, as vítimas são mulheres, e os algozes, homens que acreditam ter o direito de controlá-las. No entanto, isso não é uma regra absoluta, e existem inúmeras exceções.

A partir da problemática levantada por Solnit sobre a violência de gênero, percebe-se que a objetificação feminina vai além de transformar a mulher em um objeto de desejo. Ela passa pela desvalorização e chega a um nível de violência desumana. Inúmeras mulheres sofrem todos os dias por serem tratadas como ‘coisas’, muitas vezes não recebendo a devida valorização pelo seu trabalho, sendo vítimas do machismo, do preconceito e de diversas formas de violência. Elas são humilhadas, estupradas e assassinadas.

---

Oriente Próximo; o la manera en la que Sudáfrica se ha convertido en la capital de la violación, donde se estima que hubo seiscientos mil violaciones el año pasado; o cómo la violación ha sido utilizada como táctica y «arma» de guerra en Mali, Sudán y el Congo, de la misma manera que lo fue en la antigua Yugoslavia; o la persistencia de la violación y las agresiones sexuales en México y el feminicidio en Juárez; o la denegación de derechos básicos a las mujeres en Arabia Saudí y los miles de agresiones sexuales que sufren allí las trabajadoras domésticas inmigrantes[...] (Solnit, 2016, p.22).

<sup>17</sup> El hombre, en otras palabras, se planteaba la situación como una en la que la víctima elegida no tenía derechos ni libertades, mientras que él tenía el derecho de controlarla y castigarla. Esto debería recordarnos que la violencia es, sobre todo, autoritaria. Comienza con esta premissa: tengo derecho a controlarte (Solnit, 2016, p.23)

O discurso de Solnit, de certa forma, desconstrói o posicionamento de Flaquer, abordado no início desta seção. Enquanto Flaquer denuncia os comportamentos fúteis das mulheres e como isso contribui para sua desvalorização, Solnit expõe uma realidade nua e crua de violência e opressão que impede as mulheres de viverem com dignidade e fere seus direitos humanos. Com um século de diferença entre as autoras, é compreensível que existam divergências em seus pensamentos e posicionamentos.

Com tudo que foi discutido nessa seção, percebe-se que há uma tendência inerente na sociedade em querer transformar as mulheres em “coisas”, desvalorizá-las e machucá-las; para tentar reverter essa situação é necessário que as mulheres busquem por conhecimento e por independência. A melhor forma de conseguir estas duas coisas é por meio do estudo e do trabalho, por isso na próxima seção será discutida a acessibilidade das mulheres ao mercado de trabalho.

### 3.3 A Mulher no Mercado de Trabalho: Invisibilidade, Desigualdade e Resistência

Quando se iniciou o movimento feminista em defesa da igualdade de gêneros, começou a ser defendida a ideia de que as mulheres também podem trabalhar fora de casa e receber por isso. No entanto, o mercado de trabalho foi, a priori, um ambiente muito hostil para as mulheres, devido ao fato de ser desde sempre dominado por homens. As mulheres que se iniciaram no mercado laboral, por sua vez, não recebiam um salário justo e, por isso, iniciaram-se inúmeras discussões em defesa do direito feminino de receber um salário justo e igualitário pelo serviço prestado. Era necessário que fosse proporcionado às mulheres um salário justo, com o qual elas pudessem se defender da fome. Mulheres que precisavam recorrer a meios extremos, como vender o próprio corpo, não precisariam fazê-lo se recebessem um salário justo em empregos dignos (Flaquer, 1900).

O mais cômodo para a mulher é ter um marido que atenda esplendidamente a seus gastos. E se não existe esse marido? Se aquela carece de recursos para custear as necessidades da família, terá que buscá-los na arte, na ciência ou na indústria, e esses trabalhos são menos penosos que os da ceifadora ou vindimadora. O homem quer limitar a missão da mulher porque vê nela um concorrente. Já é hora de que se

abra caminho à justiça: a mulher tem direito à vida (Flaquer, 1900, p.71, **Tradução nossa**).<sup>18</sup>

Flaquer (1900) diz que é mais cômodo à mulher ter um marido que arque com as responsabilidades do lar e que provenha tudo que ela precisar, mas questiona também o que acontece quando não existe este marido. Se a mulher do século XX fosse solteira ou se o marido se recusasse a custear os gastos cotidianos, o que ela faria para sobreviver? - Conseguir um emprego! Mas isso era algo complicado, as mulheres eram vistas como concorrentes ou até mesmo incapazes e seu ingresso no mercado de trabalho se tornava algo difícil de conseguir. Flaquer cita alguns âmbitos laborais que ela considera propícios às mulheres e diz que eles são melhores do que os serviços rurais; isso porque na época as mulheres que trabalhavam, principalmente as de classes sociais baixas, desempenhavam serviços domésticos ou rurais.

A liberdade que pedem os feministas para a mulher não é a licença: é o direito de exercer as profissões liberais, sendo-lhe retribuído seu trabalho como ao homem, a fim de que se baste a si mesma. Se à mulher se lhe exige um título profissional para que possa explorar seus conhecimentos científicos, por que não se lhe há de retribuir seu labor como ao varão? (Flaquer, 1900, p.109, **Tradução nossa**)<sup>19</sup>.

Flaquer reafirma que a luta feminista defende a liberdade feminina e a igualdade de gêneros. A autora solicita o direito de exercer profissões e receber uma remuneração justa e igualitária por esse serviço, e completa seu pensamento dizendo que se das mulheres são cobrados títulos profissionais para desempenhar uma função, por que elas não recebem o mesmo que os homens? O ideal de igualdade e equidade de gêneros é que os direitos sejam iguais, e um salário igualitário para a mesma função exercida é um direito básico que não pode ser negligenciado.

Quando são negadas oportunidades de trabalho às mulheres ou quando elas recebem uma remuneração inferior, crises econômicas podem iniciar-se na vida destas mulheres. “Se as mulheres alcançassem trabalho bem remunerado,

---

<sup>18</sup> Lo más cómodo para la mujer es tener un marido que atienda espléndidamente á sus gastos. ¿Y si no existe ese marido? Si aquélla carece de recursos para sufragar las necesidades de la familia, tendrá que buscarlos en el arte, la ciencia ó la industria, y estos trabajos son menos penosos que los de la segadora ó vendimiadora. El hombre quiere limitar la misión de la mujer porque ve en ella un competidor. Hora es ya de que se abra paso la justicia: la mujer tiene derecho á la vida (Flaquer, 1900, p. 71).

<sup>19</sup> La libertad que piden los feministas para la mujer no es la licencia: es el derecho de ejercer las profesiones liberales, siéndole retribuido su trabajo como al hombre, á fin de que se baste á sí misma. Si á la mujer se le exige un título profesional para que pueda explotar sus conocimientos científicos, ¿por qué no se le ha de retribuir su labor como al varón? (Flaquer, 1900, p.109).

muitas que vendem sua honra quando perseguidas pela fome seriam honradas. Esta é uma verdade que palpita na consciência universal (Flaquer, 1900, p.116, **Tradução nossa**).<sup>20</sup>

Flaquer evidencia uma crítica social profunda à falta de acesso ao trabalho digno e bem remunerado, que, em alguns casos, faz com que muitas mulheres, à mercê da fome e da miséria, sejam obrigadas a recorrer à prostituição como meio de subsistência. A desvalorização profissional e a inacessibilidade ao mercado de trabalho não se restringem ao contexto histórico da autora; ao contrário, configuram uma realidade que ultrapassa as barreiras temporais e permanece como um problema atual. A mulher sofre constantemente com a desvalorização e com a precarização econômica, muitas vezes lhes sendo negadas alternativas para sobreviver com dignidade.

Proporcionar à mulher por meio de carreiras especiais, em harmonia com sua constituição física, os meios de ganhar-se dignamente o sustento, é redimi-la, é dar liberdade à seu coração para que não tenha que dobrar-se ao espantoso jugo de um matrimônio sem amor. Nunca como agora se havia levantado uma verdadeira cruzada contra a ignorância da mulher; contará essa glória mais, entre suas muitas glórias, o afortunado século XIX (Flaquer, 1900, p. 241, **Tradução nossa**)<sup>21</sup>.

Flaquer expõe que no século XIX iniciaram-se batalhas contra a ignorância feminina. A autora diz que quando a mulher alcança a independência, quando consegue dignamente alcançar o seu sustento é como se houvesse nela uma remissão, uma libertação. O acesso das mulheres ao mercado de trabalho é o primeiro passo para a independência financeira feminina, e esta por sua vez livra as mulheres de estarem presas em relacionamentos só porque não conseguem se sustentar; as livra de ter que desempenhar trabalhos exaustivos como os serviços rurais; e as livra também de ter que vender serviços sexuais se assim não quiserem.

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino (Beauvoir, 1967, p. 449).

---

<sup>20</sup> Si las mujeres alcanzaran trabajo bien remunerado, muchas que venden su honor acosadas por el hambre serían honradas. Esta es una verdad que palpita en la conciencia universal (Flaquer, 1900, p.116).

<sup>21</sup> Proporcionar á la mujer por medio de carreras especiales, en armonía con su constitución física, los medios de ganarse dignamente el sustento, es redimirla, es dar libertad á su corazón para que no tenga que doblegarse al espantoso yugo de un matrimonio sin amor. Nunca como ahora se había levantado una verdadera cruzada contra la ignorancia de la mujer; contará esa gloria más, entre sus muchas glorias, el afortunado siglo XIX (Flaquer, 1900, p.241).

Beauvoir (1967) afirma que o trabalho permite à mulher reduzir a distância que a separa do homem, tornando-a independente perante a sociedade. A independência financeira das mulheres desconstrói o preconceito social que as define como parasitas por, em alguns casos, necessitarem de apoio financeiro masculino. No entanto, essa visão carrega uma grande hipocrisia social: ao mesmo tempo em que se julga a mulher por sua dependência, seu acesso ao mercado de trabalho sempre foi dificultado. Os próprios homens, fossem eles maridos ou não, muitas vezes rejeitavam a independência feminina. Para alcançar essa conquista, foram necessárias muitas lutas e debates em prol da liberdade e autonomia das mulheres. Graças a essas batalhas, hoje elas têm mais direitos assegurados, embora ainda enfrentem desafios na busca por igualdade plena.

Não se deve entretanto acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Somente em um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade. Em sua maioria, os trabalhadores são hoje explorados. Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram. É preciso não perder de vista esses fatos, dos quais a questão do trabalho feminino tira sua complexidade (Beauvoir, 1967, p. 450).

Beauvoir (1967) afirma que ter direito a algo não significa necessariamente que se possa obtê-lo. Dessa forma, o fato de a mulher ter o direito ao trabalho não garante que ela consiga de fato ingressar no mercado laboral. A autora também enfatiza que “o trabalho não é a liberdade” e que “os trabalhadores hoje são explorados”, ressaltando que o ambiente de trabalho pode ser desafiador até mesmo para os homens, tornando-se ainda mais difícil para as mulheres. Quando conseguem um emprego, muitas são mal remuneradas e enfrentam salários mais baixos do que os homens que desempenham as mesmas funções, o que evidencia uma desigualdade de gênero persistente.

Muitas vezes acumula: liberta-se do amante pelo trabalho e evade-se do trabalho graças ao amante; mas também conhece a dupla servidão de um ofício e de uma proteção masculina. Para a mulher casada, o salário geralmente representa apenas um complemento; para a mulher "que é ajudada" é o auxílio masculino que se apresenta como o inessencial; mas nem uma nem outra adquirem, com seu esforço, uma independência total (Beauvoir, 1967, p. 451).

Beauvoir levanta a problemática de que, em alguns casos, a mulher consegue libertar-se de um trabalho mal remunerado ao encontrar um companheiro, enquanto em outros acaba sujeita a uma dupla servidão, tanto no emprego quanto no lar, onde assume as responsabilidades domésticas. O trabalho

feminino, além de mal pago, é frequentemente tratado como um complemento à renda familiar, e não como fonte principal de sustento. O salário da mulher geralmente é inferior ao do homem, o que reforça a ideia de que sua remuneração não é vista como essencial.

Beauvoir também discute a noção do auxílio masculino como algo inessencial para a mulher “que é ajudada”, retomando a questão da dependência feminina e do julgamento social que a acompanha. A autora critica a hipocrisia da sociedade, que estigmatiza as mulheres que recebem apoio financeiro masculino, rotulando-as de “parasitas ou de “mulher que é ajudada” de forma muito pejorativa; esta sociedade movida à hipocrisia espera que a mulher que quer ser independente busque sozinha formas de viver, mas não abre espaço para isso: lhe negam trabalho, não lhe pagam um salário digno e não lhe dão espaço dentro da sociedade.

[...] a reivindicação de todo feminismo continua sendo muito simples: exige que as mulheres tenham liberdade para definir-se por si mesmas sua identidade ao invés de que esta seja definida pela cultura da qual fazem parte e pelos homens com os quais convivem. E dois eixos norteiam seu trabalho: a erradicação da pobreza e da violência (Garcia, 2011, p.95-96).

Garcia (2011) discute sobre como o movimento feminista reivindica que as mulheres tenham direito à liberdade, permitindo assim que possam ser independentes. A mulher independente pode definir-se como sujeito social a partir da sua identidade e não influenciada pelo contexto social e cultural no qual ela vive. Garcia apresenta dois eixos norteadores do feminismo que visam à independência feminina, são eles: fugir da pobreza e fugir da violência. A independência financeira pode ser um fator importante para alcançar essa liberdade, pois permite que a mulher construa sua identidade com mais autonomia. Inúmeras mulheres buscam trabalho como forma de superar contextos de vulnerabilidade, principalmente para sair da pobreza e de contextos de violência.

Esses dois pontos estabelecidos por Garcia mostram fatores que muito afetam as mulheres. Fugir da pobreza, por exemplo, é o que geralmente é buscado pelas pessoas que buscam trabalho. Ter uma renda própria é a melhor forma de conseguir viver dignamente, sem ter que se submeter a nenhum tipo de humilhação. Muitas mulheres sofrem violências de diversos tipos, e até que tomem consciência e iniciativa para sair dessa situação, continuarão sofrendo; muitas vezes a dependência financeira condena as mulheres a viver em contextos

violentos. Por isso, essa defesa feminista em prol da liberdade e independência feminina se faz extremamente importante.

Um exemplo: nas sociedades ocidentais contemporâneas, as mulheres conseguiram o direito à educação e ao trabalho remunerado, mas a maioria daquelas que trabalham fora de casa, tanto as assalariadas quanto as autônomas, continua encarregada do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. É a dupla jornada ou a dupla presença. Mesmo aquelas que conseguem delegar essa tarefa também o fazem sobre outras mulheres mais pobres ou mais velhas: as empregadas domésticas e as avós (Garcia, 2011, p.17-18).

O discurso contemporâneo de Garcia (2011) mostra que as mulheres conseguiram espaço no mercado de trabalho. Atualmente existem inúmeras discussões acerca da remuneração feminina e as trabalhadoras têm o direito de receber o mesmo salário que os homens que desempenham as mesmas funções que elas. Embora haja debates sobre a igualdade salarial, existe um grande desafio: a dupla jornada.

Além das responsabilidades profissionais, muitas mulheres acumulam as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, precisando se desdobrar para conciliar a vida profissional, acadêmica, familiar e doméstica. Geralmente estas mulheres que se desdobram para conseguir conciliar a vida profissional, acadêmica, familiar e doméstica precisam de uma rede de apoio, que, segundo García, é majoritariamente constituída por outras mulheres, como empregadas domésticas e avós. A dupla jornada pode afetar os homens, porém recai com mais frequência sobre as mulheres, as deixando sobrecarregadas com tantas tarefas.

O trabalho feminino muitas vezes não é reconhecido e, apesar dos esforços, torna-se algo praticamente invisível, assim como o trabalho de operários ou camponeses que não recebem mérito algum por suas contribuições. No universo laboral e também no contexto cultural e social funciona dessa forma, a mulher presta sua contribuição profissional, mas não recebe o devido reconhecimento. Mesmo quando há reconhecimento, muitas vezes se busca enaltecer uma figura masculina que supostamente contribuiu para a concretização daquele feito. A mulher muitas vezes não está segura em seu local de trabalho, sofrendo com diversos tipos de abusos trabalhistas (Solnit, 2016).

Para qualquer pessoa que queira discutir se a intimidação sexual no local de trabalho não é uma questão de vida ou morte, recordemos a cabo do Corpo de Fuzileiros Navais Maria Lauterbach, de vinte anos de idade, que foi aparentemente assassinada por seu colega de patente superior numa noite de inverno, quando ela aguardava para testemunhar que ele a havia estuprado. Os restos carbonizados de seu corpo grávido foram

encontrados entre as cinzas de uma fogueira em seu quintal (Solnit, 2016, p. 12, **Tradução nossa**)<sup>22</sup>.

Solnit (2016) traz o exemplo de Maria Lauterbach, fuzileira naval de 20 anos de idade, como prova de que muitas mulheres não estão seguras no ambiente laboral. Considera-se que Maria como membro do exército, uma organização que deveria ser justa e igualitária, estaria segura em seu ambiente de trabalho; no entanto ela foi violentada sexualmente por um “colega” de trabalho que tinha uma patente superior a dela, e quando buscou justiça acabou sendo morta por ele, sendo assim brutalmente silenciada.

Assim como Maria Lauterbach, inúmeras mulheres sofrem todos os dias com abusos de poder no ambiente laboral; casos de assédio e abuso sexual durante o trabalho não são incomuns, acontecem todos os dias. Geralmente quando procuram por justiça, as mulheres sofrem retaliações, como no exemplo citado por Solnit, onde a vítima foi brutalmente assassinada para que não conseguisse provar o abuso que sofreu.

Todas as questões levantadas nesta seção são problemas emergentes na sociedade, e precisam de reparo imediato. A seguir, será discutido o conceito de interseccionalidade como um agravante da desigualdade de gênero, uma vez que todos os infortúnios sofridos por mulheres dentro de sociedades machistas não se apresentam da mesma forma para todas as mulheres.

### 3.4 Cruzando opressões e entrelaçando lutas a partir de múltiplas vozes

Consideram-se, respectivamente, o capitalismo, o racismo e o patriarcado como os principais motivos de desigualdade, opressão e dominação dentro das sociedades. Entre os anos de 1960 e 1980, inúmeras críticas ativistas denunciavam que raça, gênero e classe social não operam separadamente dentro da sociedade e, por isso, era necessário algo que estudasse a correlação entre esses elementos. Surgiu, assim, uma perspectiva interseccional que, mais tarde,

---

<sup>22</sup> Para cualquiera que quiera discutir sobre si la intimidación sexual en el lugar de trabajo no es un asunto de vida o muerte, recordemos a la cabo del cuerpo de marines María Lauterbach, de veinte años de edad, que fue aparentemente asesinada por su colega de rango superior una noche de invierno cuando ella estaba esperando para testificar que él la había violado. Los restos quemados de su cuerpo embarazado se encontraron entre las cenizas de una fogata en su patio trasero (Solnit, 2016, p. 12).

em 1989, viria a ser nomeada como “Conceito de Interseccionalidade” pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (Pereira, 2021).

A interseccionalidade está diretamente relacionada a uma teoria racial crítica que, por meio do feminismo negro, discute como raça e gênero são categorias de subordinação que invisibilizam as construções teóricas de mulheres negras. Dentre as muitas formas de opressão, dominação, exploração e marginalização, destacam-se: racismo, sexismo, patriarcado, capitalismo, colonialismo, sexualidade, nacionalidade, idioma, religião, geração e habilidade/deficiência. Crenshaw defende que a interseccionalidade pode oferecer análises e políticas eficazes no combate à discriminação contra os grupos sociais marginalizados e discriminados (Pereira, 2021).

Nota-se que o conceito da interseccionalidade teve origem em preocupações quanto à inclusão de grupos invisibilizados e excluídos. A questão da diferença, embora relevante, aparece como secundária e só ganha sentido quando relacionada ao combate à discriminação, à subordinação e à marginalização, ou seja, à promoção da justiça social (Pereira, 2021, p.447).

Segundo Pereira (2021), a interseccionalidade está centrada na inclusão de grupos historicamente invisibilizados e excluídos da sociedade, como, por exemplo, as mulheres negras, cujas produções têm sido incorporadas às perspectivas de pesquisa social. A autora expõe que a questão das diferenças sociais só ganha sentido quando relacionada ao “combate à discriminação, à subordinação e à marginalização”, ressaltando, assim, que essas diferenças de raça, gênero, classe social, entre outras, são características identitárias dos indivíduos e só se tornam relevantes para análise quando compreendidas em relação às estruturas de poder que promovem a exclusão social.

O objetivo da interseccionalidade não é apenas apresentar ou reconhecer as diferenças sociais, mas refletir sobre como essas diferenças se inter-relacionam, formando desigualdades e discriminações, e, a partir disso, promover a justiça social. Com um enfoque maior na população negra e no combate ao racismo e sexismo, Kyrillos (2020) afirma:

[...] é importante destacar que se trata de refletir sobre a história de pessoas que sofreram o processo diaspórico, ou seja, vivenciaram experiências que perpassam a escravidão, o colonialismo, o imperialismo e a migração forçada. Quando se trata de refletir sobre os feminismos negros a partir do Brasil, impõe-se, também, a necessidade de se conhecer a história do povo negro no país. [...] é possível compreender a

transição da população negra de um regime de brutal escravidão, durante o período colonial, para um local na sociedade capitalista que surgia e que, apesar de romper com a escravidão institucionalizada e legalizada, ainda era permeado por inúmeras desigualdades estruturais. [...] destacam como os porões, as favelas, os cortiços e as invasões são marcas de uma história pautada pela divisão racial do espaço. Denunciando a naturalização das desigualdades sociais, ainda destacam outros dois locais tidos como naturais às pessoas negras: a cadeia e o hospício (p. 2).

Kyrillos (2020) aponta a necessidade de se compreender o racismo estrutural a partir da experiência histórica da população negra no Brasil, tendo como base o processo diaspórico. Ao citar esse processo, a autora evoca uma reflexão sobre a luta negra e os feminismos negros como batalhas travadas contra um sistema de opressão articulado na estrutura da sociedade. Mesmo após a abolição da escravidão, os sistemas sociais continuam a operar desigualdades estruturais contra a população negra do país. Os feminismos negros emergem desse contexto e denunciam as formas de opressão presentes na sociedade brasileira.

A autora aborda também a questão da exclusão territorial da população negra ao mencionar “porões, favelas, cortiços e invasões” como espaços majoritariamente ocupados por pessoas negras, evidenciando uma forte herança da desigualdade racial. Essa herança histórica impossibilitou, para grande parte da população negra, o acesso a outros espaços sociais, restringindo-a às periferias. Além disso, é denunciado o fato de duas instituições de controle social, a cadeia e o hospício, serem consideradas “lugares naturais” para pessoas negras, o que revela como o racismo naturaliza a exclusão e preza por mecanismos de controle social.

Nos Estados Unidos, após o fim da escravidão, o país viveu de 1876 a 1965 um período de segregação racial que impunha espaços reservados exclusivamente para pessoas brancas e pessoas negras, nos mais variados contextos públicos e privados, durante todo o período em que vigorou o que ficou conhecido como Jim Crow laws. Estas legislações estaduais ou federais institucionalizavam a segregação racial. Portanto, quando se narra que no início do século XX as mulheres estavam próximas de conseguir o direito ao voto, as mulheres negras viviam uma experiência totalmente diferente daquela vivida pelas mulheres brancas estadunidenses (Kyrillos, 2020, p.3).

Neste fragmento, Kyrillos (2020) exemplifica o que seria de fato o conceito de interseccionalidade. Enquanto as mulheres brancas estavam conquistando o direito ao voto no início do século XX, as mulheres negras estavam passando por

um período de segregação social no qual elas não podiam ocupar o mesmo espaço físico que pessoas brancas, período esse que só viria a terminar 65 anos depois. Essa diferença histórica evidencia a ideia principal que se trabalha nesta seção: a realidade das mulheres de classes sociais e raças diferentes não é igual, e, por isso, a experiência das mulheres negras não pode ser generalizada a partir da experiência das mulheres brancas.

A partir dessa contextualização do conceito, com base nos textos de Pereira (2021) e Kyrillos (2020), serão retomadas as obras que compõem o embasamento teórico deste trabalho, a fim de concluir o desenvolvimento da temática proposta.

Que o trabalho da operária seja remunerado como o do homem, é o que estão pedindo aos gritos a lógica e a moral! Regulamentar o trabalho da mulher e da criança é arrancar vítimas do raquitismo, da clorose, da anemia e da loucura (Flaquer, 1900, p.115, **Tradução nossa**).<sup>23</sup>

Flaquer (1900) defende, em seu discurso, que é necessário, tanto lógica quanto moralmente, garantir uma boa remuneração para o trabalho feminino e infantil. Além disso, ressalta que a regulamentação desse trabalho é fundamental para proteger esses grupos vulneráveis das diversas patologias que cita. Entre meados do século XIX e o início do século XX, as condições de trabalho de mulheres e crianças eram insalubres, com jornadas exaustivas, baixa remuneração e ambientes precários. Por isso, Flaquer destaca a importância de se atentar para essa questão, a fim de que essas “vítimas” deixem a situação de vulnerabilidade e não sejam acometidas pelas doenças mencionadas.

Sob a bandeira do feminismo, abrem-se centros e associações para acolher a mulher extraviada e a criança abandonada. Os defensores dos direitos da mulher pedem que se legisle sobre o trabalho da operária e da criança, para que não sejam vítimas sacrificadas à ambição dos poderosos. O feminismo é o apostolado da moralidade, o interventor entre os exploradores e os explorados (Flaquer, 1900, p.132, **Tradução nossa**).<sup>24</sup>

Flaquer (1900) demonstra uma preocupação genuína com a situação de vulnerabilidade das mulheres “extraviadas” e das crianças “abandonadas”, que

---

<sup>23</sup> ¡Que el trabajo de la obrera se retribuya como el del hombre, es lo que están pidiendo á gritos la lógica y la moral! Reglamentar el trabajo de la mujer y el niño es arrancar víctimas á la raquitis, á la clorosis, la anemia y la vesania (Flaquer, 1900, p.115).

<sup>24</sup> Bajo la enseña del feminismo ábrense centros y asociaciones para recoger á la mujer extraviada y al niño abandonado. Los defensores de los derechos de la mujer piden que se legisle sobre el trabajo de la obrera y el del niño, para que no sean víctimas sacrificadas a la ambición del poderoso. El feminismo es el apostolado de la moralidad, el interventor entre los explotadores y los explotados (Flaquer, 1900, p.132).

vivem à margem da sociedade, enfrentando inúmeras dificuldades laborais e a marginalização social. A autora defende a criação de legislações trabalhistas voltadas para esses grupos, tradicionalmente excluídos. A partir de seu posicionamento, percebe-se que Flaquer defende um feminismo que não se limita apenas aos direitos das mulheres burguesas, mas que também abrange as mulheres da classe proletária (operária) e outros sujeitos em situação de maior vulnerabilidade na época.

Antes mesmo de o conceito de interseccionalidade ser formulado, a autora já compreendia que a opressão não é única, mas atravessa múltiplas categorias, como gênero, idade e condição socioeconômica. Com esse posicionamento, antecipa-se uma perspectiva de feminismo social que mais tarde seria desenvolvida pelas teorias interseccionais.

Os sulistas dos Estados Unidos, tão violentamente racistas, sempre foram autorizados pelos costumes a dormir com mulheres negras, tanto antes da guerra da Secessão como hoje em dia, e usam desse direito com uma arrogância senhorial: uma branca que tivesse comércio com um negro no tempo da escravidão teria sido condenada à morte; hoje seria linchada. Para dizer que dormiu com uma mulher o homem diz que a "possui", que a "teve": inversamente para se dizer que se "teve" alguém, isto é, que se foi mais esperto e ganhou, diz-se por vezes grosseiramente: "fodi-a" (Beauvoir, 1967, p. 112-113).

Beauvoir (1967) expõe a violência racista e sexual sofrida pelas mulheres negras do Sul dos Estados Unidos. Essas mulheres eram obrigadas a manter relações sexuais com homens brancos, sofrendo uma violência mista que combinava estupro e racismo, além de uma forte opressão social. Esse crime cometido contra as mulheres negras era normalizado e aceito naquela sociedade, enquanto se uma mulher branca se relacionasse com um homem negro, mesmo que de forma consentida por ambas as partes, os dois seriam extremamente marginalizados. A interseccionalidade problematiza a questão da violência mista que é trazida pela autora em seu discurso: a mulher negra sofre com diversas formas de violência: racista, sexista, social e sexual.

Beauvoir expõe a brutalidade das relações sociais e de gênero e explica como elas estavam diretamente interligadas no contexto trazido à discussão. É discutida a questão de como as mulheres negras sofrem uma dupla opressão: tanto por sua raça quanto por seu gênero. Este é um problema atual: essas mulheres sofrem amplamente com o machismo/patriarcalismo e com o racismo,

além de serem muito sexualizadas e vistas, na maioria dos casos, como “corpos disponíveis”. Beauvoir destaca ainda uma linguagem masculina dominadora, marcada por verbos de posse para se referir às relações sexuais, exemplificando o fato de que essas mulheres eram e, infelizmente, ainda são vistas como corpos a serem apropriados. Nesse sentido, não há como analisar separadamente cada forma de violência sofrida por essas mulheres, visto que estão interligadas; é necessário adotar uma abordagem interseccional para refletir sobre a questão.

No século XXI, o que nos une e fica pendente para todas as mulheres, de todos os cantos do mundo, é tornar realidade o fato de que os direitos das mulheres são direitos humanos. Tudo isso, aliado à criação de novos modelos de relações pessoais e diferentes opções de vida para muitas mulheres, foi possível graças à impertinência, inteligência e valor das mulheres revolucionárias, sufragistas, mulheres de todas as classes: utópicas, anarquistas, socialistas, radicais, ilustradas, da igualdade, da diferença, de todas as etnias e países, ricas ou pobres, donas de casa ou operárias que entenderam que a vida, além de ser vivida, merece ser desfrutada (Garcia, 2011, p.105).

Garcia (2011) mostra um pouco da luta histórica feminista por igualdade e dignidade social, abordando a importância de que os direitos das mulheres sejam reconhecidos como direitos humanos. É enfatizado o fato de que os avanços atuais não se deram por acaso, mas sim pela atuação de uma diversidade de mulheres que lutaram juntas, ao longo do tempo, pelos direitos femininos. Garcia traz à tona, em seu texto, uma grande diversidade de mulheres: com classes sociais e etnias distintas, ricas ou pobres, donas de casa ou operárias, sufragistas, socialistas ou anarquistas, todas unidas pelo mesmo propósito.

Fica subentendido no texto um posicionamento interseccional, que considera toda a diversidade feminina e compreende que a experiência de ser mulher não é algo único ou universal, mas sim variável e formada pela posição social, racial, cultural, econômica e geográfica de cada mulher. A interseccionalidade mostra que a experiência social de uma mulher branca e rica nunca será igual à de uma mulher negra e pobre; ambas podem sofrer machismo, mas a mulher branca dificilmente passará pelas mesmas formas de violência comumente impostas às mulheres negras. O feminismo não deve fazer distinções (mas, para isso, precisa considerar as diferenças), e é por isso que precisa ser amplamente discutido nas sociedades, pois busca conquistar direitos para todas as mulheres, sem exceções.

A batalha das mulheres para serem tratadas como seres humanos com direito à vida, à liberdade e em sua busca por participação na arena

política e cultural continua, e às vezes é uma batalha bastante desalentadora. [...] Isso me ajudou a ver com mais nitidez o fio condutor que liga as pequenas misérias sociais ao silenciamento violento e às mortes violentas. Creio que compreenderíamos melhor o alcance da misoginia e da violência contra as mulheres se tomássemos o abuso de poder como um todo e deixássemos de tratar a violência doméstica isolada do estupro, do assassinato, do assédio e da intimidação nas redes, em casa, no local de trabalho e nas salas de aula; se tomarmos tudo em conjunto, o padrão se torna claramente visível (Solnit, 2016, p.16, **Tradução nossa**).<sup>25</sup>

Solnit (2016) fala também sobre a luta feminista pela garantia dos direitos das mulheres de serem tratadas como seres humanos. Ela foca, mais especificamente, nas diversas formas de violência sistematizada que assolam as mulheres na sociedade. Essa violência não se dá por meio de atos isolados, mas sim a partir de padrões de abuso de poder que perpassam várias esferas sociais, como, por exemplo: casas, escolas ou universidades, locais de trabalho e redes sociais. Esse sistema social violento e machista cria uma “rede” de opressão que fragiliza, silencia, agride, violenta e, nos piores casos, mata mulheres.

É necessário refletir essa questão a partir de uma perspectiva interseccional, uma vez que as diversas formas de violência existentes na sociedade não ocorrem de forma isolada, mas sim coexistem e se entrelaçam dentro de um mesmo sistema violento de opressão feminina. Fatores como raça ou cor, classe social, sexualidade, identidade de gênero, idade, entre outros marcadores, influenciam diretamente como e quanto cada mulher sofrerá violência. Isso porque, quanto maior for o nível de vulnerabilidade social em que a mulher se encontra, maior tende a ser o grau de violência sofrida por ela.

Por exemplo: uma mulher branca, rica e que vive em um bairro nobre da cidade pode, sim, sofrer algum tipo de violência de gênero, mas a probabilidade de isso acontecer, e a forma como será tratada caso ocorra, é diferente se comparada à situação de uma mulher negra, pobre e que vive na periferia. Uma mulher cisgênero e heterossexual não corre os mesmos riscos que uma mulher trans ou

---

<sup>25</sup> La batalla de las mujeres por ser tratadas como seres humanos con derecho a la vida, a la libertad y en su búsqueda de participación en la arena política y cultural continúa, y algunas veces es una batalla bastante desalentadora. [...] Esto me ayudó a ver de forma más nítida el hilo conductor que liga las pequeñas miserias sociales con el silenciamiento violento y las muertes violentas. Creio que comprenderíamos mejor el alcance de la misoginia y la violencia contra las mujeres si tomásemos el abuso de poder como un todo y dejásemos de tratar la violencia doméstica aislada de la violación, el asesinato, el acoso y la intimidación en las redes, en casa, en el lugar de trabajo y en las aulas; si se toma todo en conjunto, el patrón se ve claramente (Solnit, 2016, p.16).

lésbica. Uma mulher indígena, por sua vez, pode ser considerada como um “alvo fácil” por conta dos preconceitos e estereótipos que recaem sobre sua identidade cultural.

Existem muitas camadas sobrepostas de vulnerabilidade e inúmeras formas de violência fragmentada que continuam a oprimir as mulheres na sociedade atual. As perspectivas interseccionais se propõem a compreender e combater esse sistema opressor de violência de gênero, a fim de tornar a sociedade um lugar mais justo, igualitário e seguro para todas as mulheres.

Com base em toda a teoria revisada e nas problematizações desenvolvidas ao longo deste capítulo, o próximo capítulo dará início às análises das crônicas de Flaquer, que abordam diretamente as temáticas aqui discutidas.

## 4 REVISITANDO A OBRA DE CONCEPCIÓN GIMENO DE FLAQUER

No final do século XIX, Maria de la Concepción Gimeno de Flaquer, escritora e jornalista espanhola, destacou-se no cenário literário e social devido às suas contribuições para o feminismo e a literatura. Nasceu em Alcañiz (Teruel), na Espanha, em 11 de dezembro de 1850, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 11 de abril de 1919. Flaquer iniciou sua carreira como escritora ainda na juventude, publicando seu primeiro artigo no jornal *El Trovador del Ebro* em 7 de novembro de 1869, pouco antes de completar 19 anos. Após isso, escreveu diversos artigos para diferentes jornais e revistas, tendo a oportunidade de conhecer nomes importantes de sua época e frequentar os círculos mais prestigiados da alta sociedade. Teve como mentora a duquesa de la Torre, e em seus salões de baile sempre havia espaço para recitar versos de escritores renomados (Aracil; Cremades, *Texto online*).<sup>26</sup>

Em 1883, Concepción Gimeno de Flaquer viajou ao México, onde fundou um jornal chamado *El Álbum de la Mujer*. Essa parte de sua obra serviu como uma poderosa plataforma para debater o papel da mulher na sociedade e promover reflexões sobre temas que iam desde a educação feminina até os direitos sociais. Em um contexto histórico e social em que as mulheres não tinham espaço de voz ou representação nas sociedades, Flaquer emergiu com uma linguagem eloquente, abordando temas progressistas, como os papéis femininos na sociedade e a relação entre tradição e modernidade na sociedade da época.

A seguir, será analisado o primeiro texto curto de Gimeno de Flaquer, intitulado *“Esposa y madre”*, no qual a autora apresenta uma crítica contundente aos papéis tradicionais da mulher na sociedade mexicana do final do século XIX.

### 4.1 *“Esposa y madre - El álbum de la mujer”*.<sup>27</sup>

O texto curto *“Esposa y madre”*, de Concepción Gimeno de Flaquer, publicado originalmente no periódico editado por ela, *El Álbum de la Mujer*, no

<sup>26</sup>ARACIL, M. A. A.; CREMADES, E. R. Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer. **Cervantes virtual**. Disponível em: <[Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer - Concepción Gimeno de Flaquer](#)>. Acesso em: 13 abr. 2025.

<sup>27</sup> Publicado em 04/11/1883, Ano 1, num. 9

México, em 4 de novembro de 1883, aborda temas como o matrimônio e a maternidade a partir de uma perspectiva conservadora, mas também filosófica. Flaquer reflete sobre o que considera ser uma relação matrimonial ideal, destacando o papel da “boa esposa” na vida de um homem. Essa figura feminina é retratada como uma mulher de conduta irrepreensível, que inspira amor e é capaz de suavizar com ternura qualquer adversidade. Segundo a autora, uma mulher assim sempre será respeitada.

A maternidade também é tratada no texto, sendo valorizada como uma função que permite à mulher alcançar certo protagonismo social, ainda que indiretamente. Flaquer cita exemplos de mães que entraram para a história por terem dado origem e criado homens notáveis de sua época. Com isso, sugere que, naquele contexto, o reconhecimento feminino muitas vezes vinha apenas por meio da maternidade e da formação de filhos influentes. Essa perspectiva, embora refletindo os valores de seu tempo, levanta questões que ainda são pertinentes nos dias atuais, como a definição dos papéis de gênero, o reconhecimento social da mulher e os limites do ideal feminino tradicional.

Observa-se no discurso de Flaquer uma perspectiva muito conservadora e cristã, algo compreensível considerando o contexto histórico em que viveu. Contudo, sua obra continua sendo extremamente relevante e interessante, especialmente por se tratar de uma autora de destaque e grande importância que defendia os direitos das mulheres em uma época em que se falava pouco ou nada sobre igualdade de gênero.

A partir desta breve contextualização inicial pode-se compreender a profundidade do discurso de Flaquer, que será explorado e problematizado a seguir a partir da análise literária de sua obra:

Nada mais encantador do que essa bela época da vida denominada lua de mel. A existência é então uma melodia, uma doce égloga cantada pelo coração, um sonho cor-de-rosa, um sorriso constante, um êxtase arrebatador. Nesse alegre êxtase as horas se deslizam sem que percebamos, porque desde o topo da felicidade não se ouvem os rumores do mundo, senão as harmonias celestiais (Flaquer, 1883, p. 130, **Tradução nossa**).<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Nada más encantador que esa bella época de la vida denominada luna de miel. La existencia es entonces una melodía, una dulce égloga cantada por el corazón, un sueño color de rosa, una constante sonrisa, un éxtasis arrobador. En ese alegre éxtasis las horas se deslizan sin que lo advirtamos, porque desde la cumbre de la dicha no se oyen los rumores del mundo, sino las armonías celestiales (Flaquer, 1883, p. 130).

Com este parágrafo, Flaquer inicia seu texto enfatizando o período da lua de mel, utilizando uma linguagem poética para expressar o êxtase desse momento. Ela o descreve como um “sonho cor-de-rosa”, dando a impressão de que casar-se é o maior acontecimento da vida de uma mulher. Essa poetização e idealização refletem como a sociedade do século XIX valorizava a vida matrimonial e doméstica como destino natural para as mulheres. O posicionamento da autora funciona como um prenúncio das expectativas socialmente construídas para o público feminino, revelando a dissonância entre a fantasia cultivada desde a infância e as realidades cotidianas do matrimônio.

Tanto Flaquer (1900) quanto Simone de Beauvoir (1967) discutem, em suas obras, como as mulheres foram historicamente educadas para o lar, o casamento e a maternidade. Inicialmente, as meninas não tinham acesso à educação formal, sendo criadas exclusivamente em ambientes familiares. Desde cedo, eram instruídas sobre cuidados domésticos e incentivadas a desejar o matrimônio como realização de vida. Isso se comprova quando uma escritora feminista como Flaquer, mesmo com seus esforços de emancipação, acaba reproduzindo, quase inconscientemente, um discurso que apresenta a vida doméstica como um “sonho cor-de-rosa”.

As paixões bastardas nascem na escória do mundo; o amor conjugal desce do céu. Este amor que tem origem tão elevada, é sereno e tranquilo; as más paixões são agitadas e tempestuosas. Casar-se sem amor é profanar o mais respeitável de todos os sentimentos: casar-se sem amor é suicidar-se moralmente. Os desgraçados que contraem esse laço por frio cálculo, jamais terão lua de mel (*Idem*, 1883, p.130, **Tradução nossa**)<sup>29</sup>.

Ao mesmo tempo em que a autora expõe um pensamento tradicionalista, também traz em seus escritos uma ideia quase utópica do amor romântico, convertendo seu texto em uma reflexão filosófica sobre o modelo perfeito de casamento e amor. Essa dualidade entre a idealização do amor e as estruturas

---

<sup>29</sup> Las pasiones bastardas nacen en la escoria del mundo ; el amor conyugal desciende del cielo. Este amor que tiene tan elevado origen, es sereno y tranquilo; las malas pasiones agitadas y tempestuosas. Casarse sin amor es profanar el más respetable de todos los sentimientos: casarse sin amor es suicidarse moralmente. Los desdichados que contraen ese lazo por frío cálculo, jamás tendrán luna de miel (*Idem*).

sociais impostas gera uma crítica implícita aos papéis de gênero e às limitações do amor dentro da sociedade.

A esposa, eterna companheira do homem, suaviza com seu amor todas as amarguras da existência. A esposa é a luz bendita que ilumina os abismos de sua alma; sem essa luz viveria entre sombras. [...] A boa esposa é uma compensação em todos os infortúnios: a boa esposa é modelo de fidelidade [...] A boa esposa é um tesouro de amor [...] A boa esposa é sempre respeitada, pois até o homem libertino, passados os primeiros impulsos de seu desregramento, presta considerações à companheira de sua vida, por encontrar nela virtudes que nas mulheres fáceis não encontrou (*Idem*, 1883, p.130, **Tradução nossa**)<sup>30</sup>.

Esta citação reflete uma visão tradicionalista do casamento, onde a esposa é vista como uma figura idealizada, um ídolo de pureza, a "luz bendita" no meio da escuridão para seu marido. A repetição da expressão "a boa esposa" soa um tanto quanto machista e muito provavelmente, representa a mulher submissa, que não tem vontade própria e vive à disposição do marido, fazendo tudo o que ele deseja. Outro aspecto importante é a menção de que os homens libertinos buscam boas esposas e não mulheres fáceis, o que sugere que as "mulheres fáceis" não oferecem o mesmo controle ou domínio que os homens desejam exercer sobre suas esposas.

É notória a divisão de dois tipos de mulheres feita pela autora, por ser uma divisão bastante arraigada em uma cultura machista que reflete uma visão tradicional e moralista sobre o papel feminino na sociedade do século XIX. Dividir as mulheres em dois grupos: "as boas esposas e as mulheres fáceis", torna-se um fator destrutivo dos laços que fortalecem a diversidade feminina. "As boas esposas" são associadas a figuras exemplares que emanam qualidades como fidelidade, respeito e amor, sendo descritas quase como um ideal de perfeição. Em contrapartida, "as mulheres fáceis" são estigmatizadas como desprovidas dessas virtudes, sendo julgadas como imorais e liberais. A terminologia utilizada para referir-se a essas mulheres que não seguem as normas tradicionais de conduta

---

<sup>30</sup> La esposa, eterna compañera del hombre, le suaviza con su amor todas las amarguras de la existencia. La esposa es la luz bendita que ilumina los-abismos de su alma; sin esa luz viviría entre sombras. [...] La buena esposa es una compensación en todos los infortunios: la buena esposa es dechado de fidelidad [...] La buena esposa es un tesoro de amor [...] La buena esposa es respetada siempre, pues hasta el hombre libertino, pasados los primeros arranques de su desenfreno, tributa consideraciones á la compañera de su vida, por encontrar en ella virtudes que en las mujeres fáciles no ha encontrado (*Idem*).

feminina evoca uma visão pejorativa e reducionista, que visa inferiorizá-las, refletindo o machismo da época.

Aqui, fica explícita uma hierarquização moral que compele até as próprias mulheres a pensarem que seu valor moral e social está retido em sua "pureza" ou em sua dedicação ao casamento e ao lar. Isso limita a liberdade feminina, impondo um modelo idealizado de mulher virtuosa e restringindo as mulheres à submissão e à rejeição de sua autonomia e desejos pessoais.

No texto "Esposa y madre", percebe-se um discurso antigo e enraizado na sociedade, onde se defende a ideia de que o mercado de trabalho pertence ao homem, enquanto as atividades domésticas são uma tarefa feminina. A frase "Na administração doméstica, a mulher sempre supera o homem, assim como ele a supera em economia política" (Idem, 1983, p. 130, **Tradução nossa**) evidencia essa divisão de papéis. Neste fragmento percebe-se como essa divisão, que perdura ao longo do tempo, expõe a forma como as mulheres só conseguiam uma posição de destaque na esfera doméstica, perpetuando a noção de que seu valor reside unicamente na sua capacidade de gerenciar o lar. Ao mesmo tempo, exaltam-se os homens por sua participação nos âmbitos econômicos e públicos, reforçando uma desigualdade de gênero que limita as oportunidades e o reconhecimento das mulheres fora do lar.

Quanto respeito e consideração merece a mãe! Ela nos forma o coração e a inteligência. Todo homem célebre deve à sua mãe grande parte da glória que conquistou. Por isso são imortais os nomes de Blanca de Castilla, mãe de São Luís; Enriqueta Giroux, mãe de Sismondi; Maria Ball, mãe de Washington; Catarina Isabel, mãe de Goethe; Maria Lelizia Ramolino, mãe de Napoleão I, e Joana de Albret, mãe de Henrique IV (Idem, 1883, p. 131, **Tradução nossa**)<sup>31</sup>.

Flaquer traz a figura materna como formadora essencial do caráter e da inteligência de seus filhos. Reconhece-se a importância de uma mãe e de seu papel crucial na formação moral e intelectual dos filhos, mais especificamente "os homens célebres". A autora cita nomes de várias mulheres importantes, porém não aborda o reconhecimento das mulheres por suas próprias conquistas, mas sim sua importância na criação dos homens que atingem o sucesso; assim, essas mães só

---

<sup>31</sup> ¡Cuánto respeto y consideración merece la madre! Ella nos forma el corazón y la inteligencia. Todo hombre célebre debe a su madre gran parte de la gloria que ha conquistado. Por eso son inmortales los nombres de Blanca de Castilla, madre de San Luis; Enriqueta Giroux, madre de Sismondi; María Ball, madre de Washington; Catalina Isabel, madre de Goethe; María Lelizia Ramolino, madre de Napoleón I, y Juana de Albret, madre de Enrique IV (Idem, 1883, p. 131)

receberam notoriedade a partir das ações de seus filhos e acabam se legitimando como suportes e figuras secundárias. Tampouco receberiam destaque na sociedade por ações de uma filha, já que a todas as mulheres incumbia unicamente os papéis de esposa e mãe, fator que limita a autonomia feminina e põe em destaque o protagonismo masculino.

“A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado handicap[...]” (Beauvoir, 1967, p.171). Em contrapartida ao discurso de Flaquer, emerge Beauvoir, trazendo uma nova nuance da maternidade e desconstruindo o “sonho colorido” que Flaquer apresenta. Segundo Beauvoir, a maternidade e os filhos podem se tornar um pesadelo e um motivo de desonra para mulheres solteiras, uma vez que a maternidade só é respeitada em mulheres casadas. Isso reflete um preconceito social ainda muito presente na atualidade, que limita as mulheres e não aceita que elas vivam plenamente suas vidas.

A seguir será analisado o texto “La mujer hermosa “ de Flaquer, que fala sobre o processo de objetificação feminina na sociedade, tal como era percebido pela autora.

#### 4.2 “La mujer hermosa - El álbum de la mujer”<sup>32</sup>

O texto “La mujer hermosa” de Concepción Gimeno de Flaquer, foi publicado originalmente em seu periódico “El álbum de la mujer” no México, em 02 de dezembro de 1883. Entre as temáticas abordadas estão a dignidade feminina, virtudes, honra, pureza e amor verdadeiro; fala-se mais especificamente sobre a objetificação feminina tal como era percebida pela autora e sobre a importância das mulheres não se deixarem ser usadas, abordando uma problemática atual e iminente dentro da sociedade

No discurso de Flaquer, fica explícito um conselho para que as mulheres sigam uma boa conduta de acordo com as normas sociais, destacando que as mulheres virtuosas eram as preferidas pelos homens para o casamento. A autora também traz o lembrete de que a beleza é passageira e fugaz, sendo os bons costumes e as virtudes o que realmente prevalecem.

---

<sup>32</sup> Publicado em 02/12/1883, Ano 1, num. 13.

Com essa breve contextualização, inicia-se uma problematização que busca interpretar e compreender o posicionamento social da autora, levando em conta as diversas nuances apresentadas por ela em sua obra, que será analisada a seguir:

Concepción inicia seu texto com a seguinte epígrafe: “O tempo destrói todas as coisas; com o tempo, Vênus se torna feia, e ao Amor caem-lhe as plumas” (Flaquer, 1883, p. 194, **Tradução nossa**).<sup>33</sup> Neste pequeno parágrafo, a autora introduz a problemática central de seu texto: a essência efêmera e vulnerável da beleza ao tempo. Ela sugere que as características físicas, antes consideradas encantadoras, podem perder seu fascínio com o passar dos anos.

A formosura da mulher é uma flor que é arrancada pelo furacão da adversidade, pelo simum do infortúnio, pelo aquilão da desdita, sem que recupere seu viço e cor ao ser acariciada por branda brisa ou suaves auras. A formosura física é como um brilhante meteoro; deslumbra, mas é tão fugaz quanto esse fenômeno atmosférico. O esplendor da beleza tem breve duração (Flaquer, 1883, p.194, **Tradução nossa**).<sup>34</sup>

Flaquer fala sobre como a beleza física é efêmera e tendenciosa ao desaparecimento. Por mais bela e deslumbrante que seja a criatura, um dia essa beleza sumirá e não poderá ser recuperada. O início dessa reflexão é marcado com um alerta: não se deve apegar à beleza física, pois sua natureza é passageira e fugaz.

Há mulheres formosas cuja vaidade as ridiculariza constantemente; mulheres que querem que o mundo inteiro lhes renda homenagens; mulheres que exigem tributo, aplausos, adoração. Essas mulheres tornam-se egoístas e colocam todas as coisas em segundo plano diante de seus triunfos passageiros, de suas efêmeras glórias. [...] A mulher vaidosa fica à mercê do primeiro adador que deseja divertir-se com ela, atordoando-a com a fumaça do elogio, com a qual se embriaga sem perceber. A mulher dominada por tão repreensível vício não deve permitir que seu adador perceba a satisfação que sente ao vê-lo queimar incenso em seus altares, pois, sobre as ruínas e misérias de tão condenável vaidade, ele se ergueria soberbo, considerando-a, em sua excessiva petulância, muito inferior a ele (*Idem*, p.194, **Tradução nossa**).<sup>35</sup>

<sup>33</sup> El tiempo destruye todas las cosas; con el tiempo Vénus se vuelve fea, y al Amor se le caen las plumas.

<sup>34</sup> La hermosura de la mujer es una flor que troncha el huracán de la adversidad, el simoun del infortunio, el aquilón de la desdicha, sin que recobre su lozanía y color al ser acariciada por blanda brisa ó suaves auras. La hermosura física es cual un brillante meteoro; deslumbra, pero es tan fugaz como ese fenómeno atmosférico. El esplendor de la belleza tiene breve duración (Flaquer, 1883, p.194)

<sup>35</sup> Hay mujeres hermosas cuya vanidad las pone en ridículo constantemente; mujeres que quieren les rinda parias el mundo entero; mujeres que exigen homenaje, aplausos, adoración. Estas mujeres se hacen egoístas y posponen todas las cosas á sus triunfos pasajeros, á sus efímeros lauros. [...] La mujer vaidosa queda á merced del primer adador que quiere divertirse con ella, mirándola con el humo de la lisonja, con el cual se embriaga sin advertirlo. La mujer dominada por tan reprehensible vicio no debe dejarle conocer á su adador la satisfacción que le causa quemar

Flaquer expõe como a vaidade é prejudicial às mulheres, utilizando dois exemplos diferentes. Primeiro, a autora explica que o excesso de vaidade faz com que determinadas mulheres vivam por sua beleza e tenham uma necessidade de aprovação, tributo ou homenagem a fim de engrandecer seus egos, o que as ridiculariza. Isso é algo muito comum de se ver atualmente em redes sociais. Por exemplo, ao observar inúmeras mulheres que são figuras públicas na sociedade, percebe-se a tendência predominante entre elas de tentar fidelizar suas imagens, provando que são bonitas. Colocando-se de forma exposta na internet, sensualizando e sexualizando seus corpos, elas acabam se fazendo objetos.

O segundo problema ocorre quando a mulher, cega pelo ego/vaidade, acaba se tornando um alvo vulnerável, ficando à mercê de pessoas com má intenção. Por exemplo, ao tentar se encaixar nos padrões de beleza instituídos pela mídia atual, várias mulheres se submetem a procedimentos estéticos duvidosos ou com falsos profissionais e acabam se colocando em situações de risco. Além disso, ao darem extrema importância à aparência física, as mulheres correm o risco de sofrer algum tipo de violência psicológica, na qual elas possam sentir-se insuficientes por achar que não são bonitas, quando na verdade as maiores qualidades que uma mulher pode ter são inteligência, coragem, virtudes e amabilidade.

Uma mulher bonita que não esteja adornada de relevantes qualidades morais poderá inspirar um amor sensual, mas nunca um amor espiritual, puro, respeitoso, um amor como ambicionam os seres delicados. O amor sensual degrada tanto quem o sente quanto quem o inspira. O amor inspirado pela beleza da alma é eterno, porque a alma jamais envelhece (*Idem*, p.194, **Tradução nossa**).<sup>36</sup>

Percebe-se um posicionamento intrínseco da autora, no qual ela expõe sua opinião sobre como a mulher, considerada por ela “sem qualidades morais”, não consegue encontrar um amor verdadeiro e, geralmente, desperta apenas interesses sensuais. Esse posicionamento da autora mostra como o seu julgamento estava comprometido por certa dependência do olhar do outro, e como ela reproduzia discursos sociais antigos, como este de que a mulher “sem qualidades morais” não poderia ser amada, visto que seria considerada por todos

---

incienso en sus altares, pues sobre las ruinas y miserias de tan punible vanidad, se alzaría soberbio considerándola en su excesiva petulancia muy inferior á él (*Idem*, p.194).

<sup>36</sup> Una mujer hermosa que no esté adornada de relevantes cualidades morales, podrá inspirar un amor sensual, pero nunca un amor espiritual, puro, respetuoso, un amor cual ambicionan los seres delicados. El amor sensual degrada al que lo siente y á quien lo inspira. El amor inspirado por la belleza del alma es eterno, porque el alma no envejece jamás (*Idem*, p.194).

uma pessoa “desfrutável”. Aparentemente, Flaquer despreza as mulheres que vivem suas sexualidades livremente, as considerando como pessoas sem moral.

Um fator muito presente nos escritos de Flaquer é uma certa dependência masculina, na qual a autora sempre estabelece algum tipo de vinculação da mulher ao homem. Em diversas passagens é possível perceber isso. Por exemplo: “É porque falta no sexo feminino o entusiasmo sagrado que deveria inspirar o homem a realizar as mais árduas empreitadas” (Idem, 1900, p. 201). Aqui, Flaquer apresenta uma mulher que precisa inspirar o homem a ajudá-la, pois ela necessita disso. A autora apresenta, continuamente, em seus escritos, essa dependência da mulher em relação ao homem, de certa forma inferiorizando a figura feminina.

A autora afirma que o amor puro é destinado apenas aos seres delicados. No discurso de Flaquer, nota-se uma grande influência da época em que viveu; apesar de ter sido uma mulher à frente de seu tempo, ela também era influenciada pelas convenções sociais de sua época. Isso fica claro quando ela estabelece uma delimitação entre “a mulher que não esteja adornada de qualidades morais” e a mulher como “um ser delicado”.

Dessa forma, subentende-se que a autora levanta uma questão problemática e machista ao sugerir que “a mulher sem moral” é destinada ao sexo, à luxúria e à diversão, enquanto “a mulher delicada” é reservada para o amor e o casamento. A primeira categoria instituída por Flaquer provavelmente representa as mulheres “fora da curva”, aquelas que não agem conforme as expectativas sociais e, por isso, são menosprezadas e consideradas sem moral — as mulheres “para caçar”. Já a segunda categoria parece representar as mulheres que vivem conforme as normas sociais e as regras de bons costumes instituídas pela sociedade, sendo, assim, consideradas as mulheres “para casar”.

Não penseis que os dons físicos são um privilégio para que as mulheres formosas se coloquem acima das demais; nem sempre as belas são as mais favorecidas. Ana Lord, a duquesa de Valentinois e Gabriela de Estrées, eram deslumbrantes, e apesar disso não foram as mais exaltadas de sua época. Catarina de Rohan, mais tarde duquesa de Deux Pons, foi muito respeitada por suas virtudes. Enrique IV da França estimou profundamente a austera Antonieta de Pons, precisamente por sua inflexível severidade. A Srta. de Hautefort conquistou a admiração e a simpatia de Luís XIII com uma conduta irrepreensível. Não duvideis: a

mulher mais perfeita, a mais superior, será sempre a mais virtuosa (*Idem*, 1883, p.195, **Tradução nossa**)<sup>37</sup>.

A autora está problematizando o fato das mulheres buscarem a beleza como uma forma de alcançar a perfeição; durante todo seu texto ela defende a ideia de que valores morais e virtudes são bem mais importantes. Neste parágrafo a autora cita homens que consideraram algumas mulheres por seus valores e não por suas belezas, o que nos deixa perceber que a autora fala talvez de características femininas que "cativam os homens".

Por libertino que um homem seja, não entrega seu nome a uma mulher degradada; quer uma mulher severa e digna para mãe de seus filhos. A formosura sem a virtude não é mais do que um precioso manto ocultando repugnantes misérias. A beleza física não cativa senão os homens frívolos que se deixam levar por aparências e exterioridades; os homens sensatos se enamoram da mulher que possui sentimentos elevados, cultura intelectual e trato distinto; é muito justo que se deseje agradar a essa classe de homens (*Idem*, 1883, p.195, **Tradução nossa**).<sup>38</sup>

Flaquer denuncia a hipocrisia masculina de querer uma mulher "pura" enquanto são libertinos. Alguns homens acham-se no direito de exigir uma mulher pura e virtuosa quando eles na verdade são libertinos. Em contrapartida, Flaquer basicamente diz às mulheres para serem dignas de conquistar um "homem sensato" reforçando mais uma vez o seu posicionamento sobre as regras de conduta sociais que fazem com que a mulher seja considerada digna ou não. Na atualidade e outrora, um homem respeitável dentro da sociedade tende a procurar uma mulher também respeitável e vice versa; isso é lógico, mas provavelmente aparece um pouco do viés machista da época no discurso da autora.

Portanto, com esse parágrafo conclui-se que o homem libertino é socialmente tolerado, enquanto a mulher libertina é condenada e marginalizada. Aquelas que são consideradas "sem moral" são tratadas como um objeto sem

---

<sup>37</sup> No creáis que las dotes físicas son un privilegio para que las mujeres hermosas se coloquen sobre las demás; no siempre las hermosas son las favorecidas. Ana Lord, la duquesa de Valentinois y Gabriela de Estrees, eran deslumbradoras, y a pesar de esto no fueron las más ensalzadas de su época. Catalina de Roban, más tarde duquesa de Deux Pons, fué muy respetada por sus virtudes. Enrique IV de Francia consideró muchísimo á la austera Antonieta de Pons, precisamente por su inflexible severidad. La Srita. de Hautefort conquistó la admiración y simpatía de Luis XIII con una conducta irreprochable. No lo dudéis: la mujer más perfecta, la más superior, será siempre la más virtuosa (*Idem*, 1883, p.195).

<sup>38</sup> Por libertino que un hombre sea, no entrega su nombre a una mujer degradada; quiere una mujer severa y digna para madre de sus hijos. La hermosura sin la virtud no es más que un precioso manto ocultando repugnantes miserias. La belleza física no cautiva más que á los hombres frívolos que se pagan de apariencias y exterioridades; los hombres sensatos se enamoran de la mujer que posee sentimientos elevados, cultura de inteligencia y trato distinguido; es muy justo que se desee agradar á esta clase de hombres (*Idem*, 1883, p.195).

valor, uma coisa descartável e qualquer. Nesse sentido, conclui-se que Flaquer ainda que de forma inconsciente, reproduz em seu discurso um posicionamento secundário da mulher na sociedade, que mais tarde Simone de Beauvoir viria a denominar como “o segundo sexo”.

Ainda que ela própria não perceba, o seu discurso está de certa forma priorizando o protagonismo masculino e conferindo aos homens mais razão e liberdade que às mulheres. A título de ilustração, pode-se mencionar novamente como a autora apresenta o homem libertino de forma normal, já a mulher libertina é apresentada como uma figura repudiável; essa conjuntura resulta do fato que ao homem sempre foi conferido maior importância dentro da sociedade, enquanto a mulher ficava em segundo plano.

Console-se aquela que não foi dotada de grande formosura, refletindo que é possível despertar grandes afetos sem possuir encantos no rosto. Não existe nenhuma mulher completamente feia; todas possuem alguma graça, e a graça é mais bela que a própria beleza. O que mais encanta na mulher, o que mais a enaltece, é a bondade, a sensibilidade, a abnegação e a doçura. A mulher hispano-americana é dotada dessas qualidades, e por isso será sempre interessante. Uma mulher que possua um talento claro, engenho brilhante, finura e elegância de modos pode se comparar à deusa da formosura e disputar-lhe o império dos corações (*Idem*, 1883, p.195, **Tradução nossa**).<sup>39</sup>

Em meio a um mundo tão superficial e que tendenciosamente objetifica as mulheres, a autora diz que independente de beleza física todos são bons em algo, todos têm algum tipo de graça e todos merecem ser felizes. Flaquer defende a ideia de que existem coisas mais importantes que a beleza, e com um valor bem maior. São citadas “a bondade, a sensibilidade, a abnegação e a doçura” como características mais importantes que a estética; também é dito que ter um talento, inteligência e elegância é melhor que ser bonita. Durante todo o texto, Concepción afirma que a beleza não é importante por causa do seu caráter efêmero e porque fazem dela motivo de objetificação feminina, a autora defende firmemente a ideia de que existem inúmeras qualidades mais importantes e que enaltecem a mulher.

---

<sup>39</sup> Consuélese la que no ha sido dotada de gran hermosura, reflexionando que se puede despertar grandes afectos sin poseer encantos en el rostro. No existe ninguna mujer completamente fea; todas poseen alguna gracia, y la gracia es más bella que la belleza misma. Lo que más encanta en la mujer, lo que más la enaltece, es la bondad, la sensibilidad, la abnegación y la dulzura. La mujer hispano-americana se halla dotada de estas cualidades, y por eso será siempre interesante. Una mujer que posea un talento claro, brillante ingenio, finura y elegancia de modales, puede ponerse en parangón con la diosa de la hermosura y disputarle el imperio de los corazones (*Idem*, 1883, p.195).

A mulher vale muito, mas valerá infinitamente mais no dia em que se desprender completamente das puerilidades que costumam escravizá-la. A mulher, que antigamente foi considerada uma coisa, depois passou a ser vista apenas como um objeto belo; e a mulher não pode aceitar essa triste condição, deve estimar-se pelo que realmente vale. Que domínio pode ter a mulher no coração de um homem enquanto for admirada apenas por sua beleza física? No dia em que essa beleza se for, também terá terminado sua influência. Por isso, a mulher deve se esforçar para adquirir méritos mais sólidos; méritos que resistam à ação do tempo e que se mantenham acima de todas as necessidades e misérias da vida. Uma mulher estúpida jamais poderá inspirar respeito, e a mulher deve concentrar-se especialmente em buscar os meios para ser respeitada. A formosura física, por si só, é um pequeno atrativo, e, sobretudo, muito fugaz (*Idem*, 1883, p.195, **Tradução nossa**).<sup>40</sup>

Flaquer traz à tona a complexidade da desvalorização da mulher na sociedade. A beleza é só um “pequeno atrativo [...] muito fugaz”, mas não é vista como tal, recebe uma importância colossal e faz a mulher virar uma coisa, uma boneca viva que tem que estar bonita para ser aceita. Se a mulher não estiver como o padrão de beleza impõe, logo ela vira alvo de críticas constantes, é atacada, desprezada e em alguns casos até abandonada. Flaquer convida as mulheres a se libertarem dessas amarras que as escravizam buscando meios específicos para serem respeitadas.

Mulheres formosas, não negligencieis vossa inteligência por cuidar demasiado de vossos encantos físicos! [...] Mulheres belas, não vos envaideças com vosso rosto e descuides da vossa alma! Embeleze vosso espírito! Adorne vosso trato com as galas da cultura intelectual! Não tolere que se queime o incenso da adulação em vossos altares! Para uma mulher estúpida, a adulação é uma fineza que agradece; para uma mulher de talento, é uma grosseira ironia que despreza com altivez (*Idem*, 1883, p.196, **Tradução nossa**).<sup>41</sup>

Flaquer encerra seu texto com um conselho amigável às suas leitoras e que serve de ensinamento também nos dias atuais. Como uma grande defensora da

---

<sup>40</sup>La mujer vale mucho, pero valdrá muchísimo más el día que ella se desprenda completamente de las puerilidades que suelen esclavizarla. La mujer, que antiguamente fué considerada como cosa, ha sido después considerada como un objeto bello únicamente; y la mujer no puede aceptar esta triste condición, la mujer debe estimarse en lo que vale. ¿Qué predominio puede tener la mujer en el corazón de un hombre mientras sea admirada solamente por su belleza física? El día que termine ésta, habrá terminado la influencia de la mujer. Por eso la mujer debe esforzarse para adquirir méritos más positivos; méritos que resistan á la acción del tiempo, y que floten sobre todas las necesidades y miserias de la vida. Una mujer estúpida no puede inspirar respeto jamás, y la mujer debe fijar particularmente su atención en buscar los medios de ser respetada. La hermosura física por sí sola es pequeño atractivo, y sobre todo muy fugaz (*Idem*, 1883, p.195).

<sup>41</sup> ¡Mujeres hermosas, no descuidéis vuestra inteligencia por cuidar demasiado vuestros encantos físicos! [...] Mujeres bellas, no os envanezcáis con vuestro rostro y descuidéis vuestra alma! ¡Embelleded vuestro espíritu! ¡Adornad vuestro trato con las galas de la cultura intelectual! ¡No toleréis que se queme el incienso de la lisonja en vuestros altares! Para una mujer estúpida, la adulación es una fineza que agradece; para una mujer de talento, es una grosera ironía que desprecia con altivez (*Idem*, 1883, p.196).

independência, da inteligência e da intelectualidade feminina, a autora diz para as mulheres não se autonegligenciar descuidando-se de sua inteligência e focando apenas em suas aparências. A sabedoria é um bem precioso que jamais é tomado ou perdido por seu dono; ser sábia é cuidar de sua alma e de seu espírito.

Com tudo o que foi apresentado sobre o texto *La mujer hermosa* e os posicionamentos da autora Concepción Gimeno de Flaquer, percebem-se dois pontos centrais da obra: o primeiro é servir como um alerta, principalmente para as mulheres, de que essa busca incessante pela beleza e pela “perfeição” física está intrinsecamente ligada à objetificação feminina e ao processo de desumanização, que tende a transformar as mulheres em meros objetos de contemplação, objetos sexuais, coisas sem vida, sem desejos ou vontades próprias.

O segundo ponto é a questão de a autora se referir talvez inconscientemente às mulheres como “o segundo sexo”, considerando sempre haver um apontamento para uma dependência da figura masculina (o “primeiro” sexo), suas defesas do lugar da mulher muitas vezes pressupõe em primeira instância a relação da mulher com o homem e não a relação da mulher consigo mesmo ou com outras companheiras de jornada. Apesar de defender as mulheres que por sua beleza física são objetificadas, a autora acaba também as objetificando quando as considera como “o segundo sexo”<sup>42</sup>, atreladas a um sujeito (o homem).

A seguir será analisado o texto “La maestra” de Flaquer que fala sobre a mulher no mercado de trabalho.

#### 4.3 “La maestra” - *El álbum de la mujer*.<sup>43</sup>

O texto “La maestra”, de Concepción Gimeno de Flaquer, foi publicado originalmente em seu periódico *El Álbum de la Mujer*, dividido em duas partes subsequentes, veiculadas entre os dias 27 de janeiro e 3 de fevereiro de 1884. Na crônica, Flaquer expressa profunda admiração pelas professoras, considerando essa uma profissão extremamente digna. A autora reflete sobre a desvalorização

---

<sup>42</sup> “*O Segundo Sexo*” é uma obra emblemática escrita por Simone de Beauvoir, filósofa e escritora francesa, em 1949. Traduzido para diversos idiomas, o livro aborda de forma profunda a construção social da mulher, discutindo questões de gênero desde a infância até a vida adulta.

<sup>43</sup> Primeira parte publicada em 27/01/1884, Ano 2, num. 4; Segunda parte publicada em 03/02/1884, Ano 2, num. 5.

social enfrentada por essas profissionais e destaca o fato de o magistério ter sido a primeira ocupação formal permitida às mulheres na sociedade.

A partir dessa breve contextualização, inicia-se a análise literária da obra, com o objetivo de compreender o posicionamento da autora em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho e a profundidade de suas reflexões sobre o tema.

Existe uma mulher heróica, que é ao mesmo tempo mãe, mentora, irmã da caridade, missionária, médica, sacerdotisa da arte, peregrina da ciência e terna amiga nas horas de dor: essa figura tão santa, tão gigante e sublime, é a professora. [...] A professora é mãe, porque nos guia carinhosamente pela senda do bem, [...] É mentora, porque nos conduz pela mão ao alcácer da ciência, [...] Irmã da caridade, porque, com abnegação admirável, esquece-se de si mesma para nos atender; [...] Missionária, porque constantemente nos prega os sublimes preceitos do Evangelho, abrindo-nos os olhos para a verdade, purificando-nos e curando nossas almas [...] Médica, porque cura as feridas do coração e arranca as cataratas do entendimento [...](Flaquer, 1884, p.48, **Tradução nossa**).<sup>44</sup>

Flaquer inicia o seu texto com uma descrição quase poética da figura da professora, deixando explícita sua admiração pela profissão. A autora apresenta um conjunto de qualidades destas profissionais e faz uma descrição das atribuições de cada uma. A professora é apresentada como uma mãe, uma mentora, uma irmã de caridade, uma missionária e uma médica, com isso Flaquer tenta expor a nobreza da profissão.

No texto de Flaquer, a professora é comparada e descrita como: uma mãe, que “dá” aos alunos a vida moral e os guia pelo caminho do bem; mentora, porque ilumina a mente dos alunos, eliminando qualquer sinal de escuridão; irmã de caridade, porque se doa em favor do outro, protegendo e amparando; missionária, porque ensina os preceitos do evangelho, realizando uma “purificação de almas”; e médica, que cura as feridas dos corações e as enfermidades das almas, sendo uma terna amiga que adoça as amarguras da vida. Essa descrição feita por Flaquer é bastante subjetiva e reflete fortemente os valores da época.

---

<sup>44</sup> Existe una mujer heroica, que es á la vez madre, mentor, hermana de la caridad, misionero, médico, sacerdotisa del arte, peregrina de la ciencia y tierna amiga en las horas del dolor: esta figura tan santa, tan gigante y sublime, es la maestra. [...]La maestra es madre, porque nos guía cariñosamente por la senda del bien, [...]Es mentor, porque nos conduce de la mano al alcázar de la ciencia,[...]Hermana de la caridad, porque con abnegación admirable se olvida de sí misma para atendernos; [...]Misionero, porque constantemente nos predica los sublimes preceptos del Evangelio, abriéndonos los ojos á la verdad, purificándonos y sanando nuestras almas [...]Médico, porque nos cura las heridas del corazón y nos arranca las cataratas del entendimiento[...] (Flaquer, 1884, p.48).

Nada mais nobre e elevado que a missão da professora: se é jovem, renuncia à sua juventude para adquirir a gravidade que exige seu alto cargo; se é mãe, renuncia frequentemente aos puros gozos do lar para cuidar de suas filhas adotivas, que são para ela sua grande família. Para a professora não há mais mundo que sua escola e suas educandas; fora deste terreno não a encontrareis, porque a escola é sua órbita ao redor da qual gira constantemente (Flaquer, 1884, p.48, **Tradução nossa**)<sup>45</sup>.

Como todas as profissões exigem uma renúncia a algo, no magistério não é diferente. Aqui, Flaquer fala justamente disso, e, quando a autora diz que as professoras abrem mão de muitas coisas por sua profissão, ela está se referindo a uma grande problemática da época. No final do século XIX, considerava-se que uma moça jovem deveria se preocupar em formar uma família, e não em exercer uma atividade laboral. Uma mulher com filhos não podia deixá-los sozinhos; deveria estar sempre com eles, cuidando de sua educação etc. Essas mulheres eram extremamente corajosas por enfrentarem as críticas da sociedade e ingressarem no mercado de trabalho, sempre com devoção à sua profissão e muito comprometimento com seu ofício. Provavelmente, por isso a autora as admira e se refere a elas com louvor.

“Porque a professora sustenta uma guerra sem trégua nem descanso, uma guerra feroz contra a ignorância, uma guerra surda e sem brilho contra as más inclinações, os impulsos duros e, às vezes, os maus sentimentos de suas educandas”(Idem, 1884, p.48, **Tradução nossa**)<sup>46</sup> Aqui é retratada a grandeza do trabalho dessas mulheres: a luta contra a ignorância que tornava as meninas prisioneiras do lar. As professoras ensinavam muito mais do que conhecimentos acadêmicos; elas educavam os impulsos sentimentais das alunas para que tivessem uma boa conduta. Isso prevalece até os dias atuais: o papel de um(a) professor(a) vai muito além de transmitir conhecimentos acadêmicos. É, na verdade, formar seres humanos, prepará-los para o mundo, garimpar a profundidade de suas almas a fim de extrair delas o melhor, seja no âmbito acadêmico ou pessoal.

---

<sup>45</sup> Nada más noble y elevado que la misión de la maestra: si es joven, renuncia á su juventud para adquirir la gravedad que exige su alto cargo; si es madre, renuncia frecuentemente á los puros gozos del hogar para cuidar de sus hijas adoptivas, que son para ella su gran familia. Para la maestra no hay más mundo que su escuela y sus educandas; fuera de este terreno no la encontraréis, porque la escuela esta órbita al rededor de la cual gira constantemente (Flaquer, 1884, p.48).

<sup>46</sup> Porque la maestra sostiene una guerra sin tregua ni descanso, una guerra feroz contra la ignorancia, una guerra sorda y sin brillo contra las malas inclinaciones, los duros impulsos, y á veces los malos sentimientos de sus educandas (Idem, 1884, p.48).

Se a professora sai triunfante nesta luta, para ela não há coroas, para ela não há glória; seus generosos esforços não inspiram a menor gratidão, porque as famílias, ao receberem suas filhas instruídas, acreditam que isso não se deve à professora, que isso foi obra exclusiva da inteligência da discípula. Sem compreender que, em cada inteligência infantil, a professora encontra um terreno inculto, que ela, lavradora incansável, transforma mais tarde em um jardim florido!... A professora, como prêmio por suas vigílias, como recompensa por seus esforços, recebe ingratidão, nada mais que ingratidão (*Idem*, 1884, p.48, **Tradução nossa**)<sup>47</sup>.

Flaquer aqui problematiza a desvalorização profissional sofrida pelas professoras da época enquanto mulheres trabalhadoras. Elas não recebiam a devida valorização pelo serviço prestado, seus esforços não eram reconhecidos e o “prêmio” que ganhavam como recompensa era somente ingratidão. Nesse sentido, mesmo inseridas no mercado de trabalho, essas mulheres sofriam com esta desvalorização de sua capacidade laborativa.

[...]Era nas aulas das aspirantes ao título de professoras. O número destas era imenso, e entre elas se encontravam algumas de mais idade que minha diretora, outras extremamente instruídas, várias de famílias aristocráticas que, sem necessitar dessa carreira, ansiavam por um título que tanto enaltece a mulher, e que é o único que não lhe está vedado na Espanha (*Idem*, 1884, p.62, **Tradução nossa**)<sup>48</sup>.

Flaquer afirma que o magistério era a única profissão que não era vedada à mulher espanhola na época. Ser professora remetia a certo enaltecimento da figura feminina, dada a importância da profissão, ainda que o trabalho feminino fosse pouco valorizado. Segundo a autora, havia inúmeras mulheres que buscavam graduar-se em magistério, mulheres de idades e classes sociais distintas. Flaquer relata que havia mulheres aristocráticas que estudavam para ser professoras, não porque precisassem trabalhar, mas porque desejavam receber a honra destinada àquelas que exerciam tão nobre profissão.

Um dia, ela me surpreendeu escondida atrás do cavalete do quadro, em um canto da sala, e, ao observar minha atenção e me ver transformada em estátua de assombro, pela expressão do meu rosto, concedeu-me o título de ouvinte. Desde então, passei a ter um lugar na sala daquela turma, cujas alunas estavam cursando o último ano da formação.

<sup>47</sup> Si la maestra sale triunfante en esta lid, para ella no hay coronas, para ella no hay gloria; sus generosos esfuerzos no inspiran la más leve gratitud, porque las familias, al recibir á sus hijas ilustradas, creen que esto no se debe á la maestra, que esto lo ha hecho por sí sola la inteligencia de la discípula. ¡Sin comprender que en cada inteligencia infantil encuentra la maestra un erial, que ella, labrador infatigable, convierte más tarde en florido verjel! .... La maestra, por premio de sus desvelos, por recompensa á sus afanes, recibe ingratitud, nada más que ingratitud (*Idem*, 1884, p.48).

<sup>48</sup> [...] era en las clases de las aspirantes al título de maestras. El número de éstas era inmenso, y entre ellas se encontraban algunas de más edad que mi directora, otras sumamente ilustradas, bastantes de familias aristocráticas que, sin necesitar esa carrera, anhelaban un título que tanto enaltece á la mujer, y que es el único que no le está vedado en España (*Idem*, 1884, p.62).

Confesso que me enchi de orgulho diante de tal deferência e que me dei toda a importância possível diante de minhas colegas. Esse gesto era, sem dúvida, um transbordamento do meu amor à glória. Graças à minha dedicação, a diretora mantinha sua atenção voltada para mim e se empenhava em me educar: nas provas públicas que fazíamos anualmente, reservava para mim a honra de explicar as matérias mais difíceis, os pontos mais árduos; e, quando fiquei mais velha, tive a honra de ler o discurso que minha diretora escrevia para o solene ato da prova final. Esse discurso era depois publicado no jornal mais importante de Zaragoza (*Idem*, 1884, p.62, **Tradução nossa**)<sup>49</sup>.

Flaquer conta sobre sua infância e a admiração que ela tinha pela diretora de sua escola. A autora diz que a diretora da escola infantil aplicava aulas para as graduandas que seriam professoras e que ela gostava de entrar e assistir a aula, um dia a diretora percebeu seu interesse e lhe chamou para ser ouvinte das aulas do curso superior. A partir daí, a diretora passou a monitorá-la e ajudá-la em sua evolução acadêmica.

O relato de Flaquer se faz interessante porque ela fala da importância que o profissionalismo daquela diretora teve em sua vida pessoal e profissional. A diretora, como uma profissional ética e comprometida com a aprendizagem de sua aluna, se empenhou em ajudá-la a evoluir, tanto que Conceição Gimeno de Flaquer teve uma carreira profissional de sucesso e tornou-se uma das mulheres mais influentes de sua época.

Mais tarde, quando alcancei algum triunfo superior aos triunfos escolares, minha diretora se alegrou extraordinariamente com esse êxito. Eu, por minha vez, jamais a esqueci. Felizmente, ela ainda existe, embora eu não saiba se continua à frente daquela grande escola de professoras e meninas. Que estas linhas sejam o eco do meu coração agradecido por seus benefícios, o frágil testemunho do meu entusiasmo e eterno carinho! Benditas sejam as professoras! Quantas vezes devemos à professora um futuro promissor, uma brilhante posição social! Quantas vezes lhe devemos a tranquilidade que respira nossa alma! (*Idem*, 1884, p.63, **Tradução nossa**)<sup>50</sup>.

<sup>49</sup> Un día me sorprendió oculta por el caballete de la pizarra, en un ángulo del salón, y al observar mi atención y verme convertida en estatua del asombro, por la expresión de mi rostro, me concedió el título de oyente, y desde entonces tuve un puesto en el salón de aquella clase, cuyas alumnas estaban cursando el último año de la carrera. Confieso que me enorgullecí ante tal deferencia, y que me di toda la importancia que pude ante mis condiscípulas. Este rasgo era indudablemente un desbordamiento de mi amor á la gloria. Gracias á mi aplicación, la directora tenia fija su atención en mí, y se esmeraba en educarme: en los exámenes públicos que anualmente sufríamos, me reservaba á mí la honra de explicar las materias más difíciles, los puntos más arduos; y cuando fui mayor, tuve el honor de leer el discurso que mi directora escribía para el solemne acto del examen. Este discurso se insertaba después en el periódico más importante de Zaragoza (*Idem*, 1884, p. 62).

<sup>50</sup> Más tarde, cuando he obtenido algún triunfo superior a los triunfos escolares, mi directora ha gozado extraordinariamente en ese triunfo. Yo, en cambio, jamás la he olvidado. Afortunadamente existe todavía, aunque no sé si se halla al frente de aquella gran escuela de maestras y niñas. ¡Sean estas líneas el eco de mi agradecido corazón á sus beneficios, el débil testimonio de mi

Aqui a autora traz a importância do professorado e conclui dizendo jamais ter esquecido a diretora que a incentivou na sua formação acadêmica. Essa é a importância de fazer um trabalho com excelência: deixar marcas registradas nas pessoas com quem se trabalhou.

É tristíssimo o estado em que se encontram algumas das professoras de nossas aldeias: o exíguo salário atribuído ao cargo público que exercem é, a cada dia, pior remunerado. A maioria delas não dispõe de mais do que um local úmido, escuro e insalubre, semelhante a uma sombria prisão. Os municípios devem zelar com mais empenho pela instrução dos indivíduos que residem nos povoados que governam: as professoras precisam de cooperação em seus generosos esforços, pois, sem ela, a mais louvável resolução e a maior constância serão insuficientes para alcançar os resultados desejados. Que os povos não esqueçam que a professora é a grande reformadora, a grande legisladora do nosso sexo, a prudente conselheira, o anjo tutelar, a Providência visível das meninas (*Idem*, 1884, p.63, **Tradução nossa**)<sup>51</sup>.

Flaquer aponta que o trabalho das professoras era mal pago e que elas davam aula em condições insalubres. A autora afirma também que o poder público deve zelar mais das professoras que são responsáveis por formar os novos cidadãos; isso é uma necessidade iminente na sociedade até o presente momento.

Neste texto literário de Flaquer, é possível identificar aspectos que ela também defende em sua obra teórica *Evangelios de la mujer* (1900), bem como elementos abordados por Simone de Beauvoir (1967), ao problematizar a má remuneração da mão de obra feminina e a falta de espaço para as mulheres no mercado de trabalho. Isso se exemplifica no texto ao se mencionar o salário ínfimo e o espaço de trabalho insalubre.

As trabalhadoras são constantemente negligenciadas pelo poder público, que fecha os olhos para as necessidades das mulheres. Segundo Garcia (2011), muitas mulheres buscam o trabalho como forma de escapar da violência e da

---

entusiasmo y cariño eterno ¡Benditas sean las maestras! ¡Cuántas veces debemos á la maestra un porvenir lisonjero, una brillante posición social ¡Cuántas veces le debemos la tranquilidad que respira nuestra alma (*Idem*, 1884, p.63).

<sup>51</sup> Es tristísimo el estado en que se encuentran algunas de las maestras de nuestras aldeas: el exíguo sueldo señalado al cargo público que desempeñan, cada día es peor retribuido. La mayor parte de ellas no disponen más que de un local húmedo, oscuro y enfermizo, semejante á una lóbrega prisión. Los ayuntamientos deben velar con más celo por la instrucción de los individuos que residen en los pueblos que rigen: las maestras necesitan cooperación en sus generosos esfuerzos, pues sin ella, la más laudable resolución y la mayor constancia serán insuficientes para obtener los resultados apetecidos. No olviden los pueblos que la maestra es la gran re formadora, el gran legislador de nuestro sexo, el prudente consejero, el ángel tutelar, la Providencia visible de las niñas (*Idem*, 1884, p.63).

pobreza; no entanto, ao enfrentarem tamanha desvalorização profissional e receberem salários baixos, acabam sem conseguir se desvincular dos contextos violentos ou de extrema pobreza em que vivem. Assim, permanecem estagnadas nas mesmas condições.

Sob a perspectiva de Solnit (2016), a mulher nem sempre está segura em seu ambiente de trabalho, e o exemplo levantado por Flaquer reforça isso: um local com condições insalubres não pode ser considerado um ambiente saudável. Ao se descrever um espaço “úmido, escuro e insalubre, semelhante a uma sombria prisão”, inicia-se automaticamente uma reflexão sobre a desvalorização a que essas trabalhadoras estavam e, em muitos casos, ainda estão sujeitas.

A seguir será analisado o texto “La obrera mexicana” que aborda as diferenças existentes entre as mulheres, considerando suas classes sociais.

#### 4.4 “La obrera mexicana” - *El álbum de la mujer*<sup>52</sup>.

O texto “La obrera mexicana”, de Concepción Gimeno de Flaquer, foi publicado originalmente em seu periódico *El Álbum de la Mujer*, em 6 de janeiro de 1884. Aborda a temática das diferenças sociais existentes entre as mulheres da sociedade mexicana daquela época, levando em consideração fatores como sua classe social. No texto, a autora defende uma perspectiva interseccional, embora esse conceito só viesse a ser estabelecido formalmente quase um século depois.

Dentre as temáticas presentes na crônica, pode-se identificar questões como: o esquecimento social; as diferenças entre a mulher de classe alta e a proletária; a forma como os “trabalhos desonrados” tornam-se meios de sobrevivência; homens exercendo profissões tradicionalmente femininas, restringindo ainda mais o espaço da mulher pobre no mercado de trabalho; além da luta por igualdade.

---

<sup>52</sup> Publicado em 06/01/1884, ano 2, num. 1.

A partir dessa breve contextualização inicial, dá-se início à análise literária da crônica de Flaquer, com especial atenção ao conceito de interseccionalidade, focando nas interações entre desigualdade de gênero e desigualdade social:

Há uma classe esquecida da sociedade, uma classe tão interessante quanto respeitável, uma classe que necessita de ajuda e amparo, e que, no entanto, encontra-se muito desassistida; essa importante classe, tão digna da maior consideração, é a classe proletária à qual pertence a mulher que precisa ganhar o sustento: a operária (Flaquer, 1884, p.3, **Tradução nossa**).<sup>53</sup>

Flaquer (1884) inicia seu texto com uma denúncia das desigualdades sociais e de gênero, enfatizando o esquecimento social da classe proletária feminina, que, apesar de ser considerada "interessante" e "respeitável", permanece à margem da sociedade e das políticas públicas. Ao se referir à classe proletária, as operárias, como um grupo que "necessita de ajuda e amparo", formado por pessoas "dignas de consideração" e que "necessitam ganhar o sustento", a autora humaniza essas mulheres ao mesmo tempo em que apela pelo reconhecimento social desse segmento. Percebe-se, em seu discurso, uma sensibilidade interseccional, que evita generalizar a experiência feminina e destaca as divergências entre as mulheres burguesas e as mulheres proletárias.

A mulher nascida em berço de ouro deve tudo ao favor da sorte; a operária deve tudo a si mesma. Para a mulher de alta posição, é fácil ser virtuosa; tudo ao seu redor a protege, a resguarda, a defende; até mesmo a educação que recebeu é uma barreira contra suas paixões; enquanto a mulher proletária encontra-se indefesa e sozinha para combater o vício quando este se apresenta belo, esplêndido, irresistível, fascinante. À senhora favorecida pela fortuna nada falta; à mulher proletária falta tudo (*Idem*, 1884, p.3, **Tradução nossa**)<sup>54</sup>.

Flaquer aborda o contraste existente entre as realidades vividas por mulheres de diferentes classes sociais, estabelecendo, assim, uma crítica contundente à desigualdade estrutural. Neste trecho, a mulher "nascida em berço de ouro" é protegida por sua condição financeira, material e social, enquanto a

---

<sup>53</sup> Hay una clase olvidada de la sociedad, una clase tan interesante como respetable, una clase que necesita ayuda y amparo, y que sin embargo se halla muy desatendida; esta importante clase, tan digna de la mayor consideración, es la clase proletaria á la cual pertenece la mujer que necesita ganarse el sustento: la obrera (Flaquer, 1884, p.3).

<sup>54</sup> La mujer nacida en dorada cuna todo lo debe al favor de la suerte; la obrera todo lo debe á sí misma. A la mujer de alta posición le es fácil ser virtuosa; cuanto le rodea la protege, la escuda, la defiende; hasta la educación que ha recibido es un dique á sus pasiones; mientras que la mujer proletaria se halla indefensa y sola para combatir al vicio cuando éste se le presenta hermoso, espléndido, irresistible, fascinador. A la señora favorecida por la fortuna nada le falta; á la mujer proletaria le falta lodo (*Idem*, 1884, p.3)

mulher proletária é vulnerável e está sozinha. A autora afirma que “a operária deve tudo a si mesma”, valorizando a dignidade e o esforço dessas mulheres, mas declara também que “à mulher proletária falta tudo”, expondo e denunciando a precariedade enfrentada por essa classe. Nesse sentido, o posicionamento de Flaquer apresenta um viés interseccional, ao evidenciar como as desigualdades de gênero e classe estão interligadas na experiência da mulher trabalhadora.

O conceito de interseccionalidade estuda a forma como diferentes tipos de opressão, desigualdade e violência se interligam e se manifestam de maneira indissociável na vida de certos indivíduos. A perspectiva interseccional busca compreender por que essas desigualdades não ocorrem de forma isolada e propõe promover a justiça social e a igualdade.

Pedimos à mulher pobre que seja honrada, e lhe negamos os dois meios de que necessita para sê-lo: o trabalho bem remunerado e a instrução. Raramente a mulher se corrompe por gosto de se corromper; quando a mulher desce ao abismo da degradação, é porque foi empurrada pela ignorância ou pela fome; a miséria e a ignorância são péssimas conselheiras (*Idem*, 1884, p. 3, **Tradução nossa**)<sup>55</sup>.

Flaquer aborda de maneira explícita a hipocrisia social que ignora as necessidades das mulheres pobres, não lhes fornecendo educação ou trabalho digno, mas exigindo delas um comportamento virtuoso. Neste fragmento, é perceptível a sensibilidade interseccional de Flaquer, que percebe as relações de gênero como fatores sociais que não ocorrem de maneira isolada e individual, mas que são atravessados pelas condições de classe. A autora estabelece uma crítica forte à sociedade, que não é justa com as mulheres proletárias, e reivindica mudanças baseadas em um ideal de justiça social que conta com: trabalho bem remunerado, instrução/educação e reconhecimento da capacidade e do valor dessas mulheres.

Não é doloroso que o homem, dotado de uma natureza robusta, de grande musculatura e força atlética, se apodere de pequenos trabalhos, os únicos que a mulher pode desempenhar devido à sua delicada constituição e sua pobre organização física? É lamentável que um homem gaste o vigor de sua juventude trançando cabelo, penteando cachos e enrolando anéis e caracóis. Nem os costureiros nem os cabeleireiros

---

<sup>55</sup> Pedimos á la mujer pobre que sea honrada, y se le niegan los dos medios que necesita para serlo; el trabajo bien retribuido y la instrucción. Rara vez se pervierte la mujer por el gusto de pervertirse; cuando la mujer baja á la sima de la degradación, es porque ha sido impulsada por la ignorancia ó el hambre; la miseria y la ignorancia son muy malas consejeras (*Idem*, 1884, p.3).

deveriam existir. Há algo mais ridículo e absurdo do que um homem ocupado com modas femininas? (*Idem*, 1884, p. 3, **Tradução nossa**)<sup>56</sup>.

Flaquer dedica um espaço de seu texto para falar sobre o homem em geral, o que é contraditório em um texto intitulado *La obrera mexicana*, já que, pelo título, subentende-se que o foco deveria ser a mulher operária mexicana. Neste fragmento, a autora critica os homens que exerciam profissões consideradas tradicionalmente femininas como a de costureiras e cabeleireiras, tirando assim o pouco espaço que cabia às mulheres no mercado de trabalho.

O problema está na forma como ela se posiciona em relação a esse tema, reproduzindo costumes e ideologias da época. Flaquer aponta como vergonhoso o fato de um homem trabalhar como costureiro ou cabeleireiro, afirmando que essas profissões são pequenas e indignas da força e da natureza masculina. Segundo a autora, essas profissões seriam mais apropriadas para as mulheres, por serem "delicadas" e "pobres em organização física", ou seja, ela afirma que as mulheres são fracas e só podem desempenhar serviços leves, subestimando assim sua capacidade laboral.

Percebe-se também, neste trecho, um discurso de dependência feminina apontado por Flaquer, no qual ela coloca a mulher novamente como um segundo sexo, retratando-a como fraca, dependente e incapaz de fazer as mesmas coisas que um homem pode fazer. Por este motivo, Flaquer demonstra indignação pelos homens que exercem as "profissões femininas", tanto por considerar as mulheres frágeis demais para exercer outras profissões, quanto por considerar os homens capacitados demais para se submeter ao "rebaixamento" de aceitar uma profissão tão "pequena", como ela mesma as chamou.

"A mulher mexicana que pertence à classe pobre vê-se obrigada, muitas vezes, a unir-se eternamente a um homem que não ama, por temor ao mísero porvir que o celibato lhe oferece" (*Idem*, 1884, p. 4, **Tradução nossa**)<sup>57</sup>. Flaquer

<sup>56</sup> ¿No es doloroso que el hombre, dotado de robusta naturaleza, de gran musculatura y de fuerza atlética, se apodere de pequeños trabajos, únicos que puede desempeñar la mujer por su delicada contextura y su pobre organización física? Es deplorable que un hombre gaste el vigor de su juventud en trenzar cabello, en peinar bucles y rizar sortijillas y tirabuzones. Ni los modistos ni los peluqueros debieran existir. ¿Hay nada más ridículo y absurdo que un hombre ocupado en modas de señora?(*Idem*, 1884, p.3).

<sup>57</sup> La mujer mexicana que pertenece á la clase pobre, se ve obligada muchas veces a unirse eternamente á un hombre que no ama, por temor al mísero porvenir que le ofrece el celibato (*Idem*, 1884, p.4).

expõe a realidade cruel que, em muitos casos, assola as mulheres pobres: ser obrigada a casar-se sem nenhum tipo de sentimento afetivo, somente pela segurança de ter um sustento garantido. O medo de não ter como se sustentar e sobreviver sozinha faz com que muitas mulheres se submetam a essa situação de submissão, que não é apenas econômica, mas também emocional, e implica a renúncia à liberdade afetiva e ao direito de escolha. Com isso, percebe-se, no discurso de Flaquer, uma perspectiva interseccional que traz à tona essa opressão de classe e de gênero como dois fatores indissociáveis nesse contexto.

Proteja-se a mulher proporcionando-lhe meios de atender à sua subsistência, e muitas misérias sociais serão remediadas. A mulher não se arrasta pela lama sem antes sustentar uma forte luta consigo mesma, e até ter sido vencida pelo desalento. Apenas duas causas corrompem a mulher: a ignorância e a fome. Sim, a ignorância é fatal para a mulher: quando a inteligência da mulher está cultivada, ela pode compreender claramente os sofismas, os falsos silogismos, as astúcias com que o vício se apresenta para vencer a virtude; e, ao reconhecê-lo, está salva. Filósofos, moralistas e governantes: dai instrução e trabalho à operária; melhorem as condições da classe proletária, e todas as pobres serão honradas! (*Idem*, 1884, p.5, **Tradução nossa**).<sup>58</sup>

Flaquer encerra seu texto de uma maneira muito engajada, articulando o seu posicionamento a uma proposta de transformação social. Ela afirma que, protegendo as mulheres que estão em situação de vulnerabilidade socioeconômica e garantindo a elas meios de subsistência, seriam remediadas grande parte das misérias sociais. Com isso, a autora compreende a pobreza feminina como uma consequência da desigualdade de gênero e defende que o empoderamento material das mulheres é de extrema importância para que elas consigam alcançar a independência.

Neste fragmento de texto é citada uma situação muito atual: o preconceito contra a mulher que busca algum método alternativo, muitas vezes fora do mercado de trabalho, para garantir sua sobrevivência. Flaquer, em contrapartida a esse estigma social, defende que nenhuma mulher "se arrasta pela lama" antes de ter passado por uma batalha interna, antes de ter buscado outras opções e não as

---

<sup>58</sup> Protéjase á la mujer proporcionándole medios de atender á su subsistencia, y se remediarán muchas miserias sociales. La mujer no se arrastra por el fango sin sostener una fuerte lucha consigo misma, y hasta haber sido vencida por el desaliento. Sólo dos causas corrompen á la mujer: la ignorancia y el hambre. Si, la ignorancia le es fatal á la mujer: cuando la inteligencia de la mujer está cultivada, puede comprender claramente los sofismas, los falsos silogismos, las astucias con que el vicio se presenta para vencer á la virtud; y conociéndolo, está salvada. ¡Filósofos, moralistas y gobernantes: dad instrucción y trabajo á la obrera; mejorad las condiciones de la clase proletaria, y todas las pobres serán honradas! (*Idem*, 1884, p.5).

ter encontrado. Com isso, compreende-se que essa possível "degradação moral" feminina nada mais é do que um fruto do abandono social e da desigualdade de gênero, que não permitem a plena participação feminina na sociedade e não fornecem meios para que a mulher viva dignamente.

Por fim, Flaquer diz que a ignorância e a fome são as principais causas da degradação feminina. Por isso, defende que seja ofertado às mulheres educação e trabalho digno, pois estes são os pilares da emancipação feminina. E conclui apelando a "filósofos, moralistas e governantes" que ofertem ensino e trabalho às operárias, pois, segundo ela, uma vez que as condições financeiras da classe proletária melhorem, todas as mulheres pobres serão honradas. Ainda que hoje se possa problematizar algumas escolhas vocabulares da autora e algumas perspectivas já ultrapassadas pelo viés feminista mais contemporâneo, reconhecer suas contribuições perfaz-se como algo necessário para entender um pouco mais sobre a história das mulheres nos últimos séculos.

A seguir, apresenta-se a conclusão desta pesquisa, na qual se revela o panorama atual, evidenciando tanto os avanços quanto os retrocessos relacionados à temática abordada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo analisar a desigualdade de gênero e a evolução do papel social feminino, a partir da leitura e interpretação de crônicas de Concepción Gimeno de Flaquer (1883 e 1884). À luz das teorias de Flaquer (1900), Beauvoir (1967), Garcia (2011) e Solnit (2016), foram estabelecidas discussões sobre temas de extrema importância para os estudos de gênero, como: educação, maternidade e matrimônio, objetificação da mulher, exclusão do mercado de trabalho e o conceito de interseccionalidade.

As crônicas de Flaquer têm uma tendência filosófica, considerando que a autora era filósofa. Seu discurso é marcado por ambiguidades: embora tivesse uma perspectiva progressista para seu tempo, e fosse engajada na pauta feminista da época e na defesa dos direitos das mulheres, a autora também demonstra estar presa a valores conservadores, especialmente no que diz respeito à moral feminina. Em seus escritos percebe-se uma vasta reprodução dos estigmas sociais da época.

As análises teórico-literárias permitiram compreender o percurso de luta travado pelas mulheres em busca da igualdade de gênero. Se, no final do século XIX, até mesmo as figuras femininas mais progressistas ainda viviam aprisionadas à condição de “segundo sexo”, atualmente essa lógica vem sendo gradualmente desconstruída, permitindo que as mulheres assumam, cada vez mais, posições de protagonismo social, político e intelectual.

A presente pesquisa percorreu diferentes esferas sociais e períodos históricos em seu processo de análise bibliográfica, ampliando o panorama do estudo e possibilitando uma percepção mais abrangente das desigualdades de gênero, da luta pela liberdade e do enfrentamento à violência contra a mulher.

Com o caminho traçado até aqui, percebe-se que houve avanços significativos, como acesso ao mercado de trabalho, boa remuneração, liberdade de escolha e etc. No entanto, ainda existe uma grande caminhada a ser percorrida até que a igualdade e a equidade de gênero se tornem uma realidade plena. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária não requer somente conscientização social, mas também exige a criação de leis e políticas públicas

eficientes, mais voltadas à segurança feminina e inserção nos diversos âmbitos sociais.

## REFERÊNCIAS

ARACIL, M. A. A.; CREMADES, E. R. Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer. **Cervantes virtual**. Disponível em:<[Biografía de Concepción Gimeno de Flaquer - Concepción Gimeno de Flaquer](#)>. Acesso em: 13 abr. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

DA CUNHA, B. M. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. Faculdade de Direito - UFPR. 2014. Disponível em:<[Artigo-Bárbara-Cunha-classificado-em-7º-lugar.pdf](#)>. Acesso em: 18 abr. 2025.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas. São Paulo, 1980. Disponível em:<[Vista do Elementos para uma análise do machismo](#)>. Acesso em: 18 abr. 2025.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura. Uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. **Evangelhos de la mujer**. Madrid : Librería de Fernando Sé. 1900.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. Esposa y madre. **El álbum de la mujer**, México, ano 1, n.9, p. 130-131, nov. 1883. Disponível em:<[El Álbum de la Mujer : Periódico Ilustrado. Año 1, tomo 1, núm. 9, 4 de noviembre de 1883 | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. La mujer hermosa. **El álbum de la mujer**, México, ano 1, n.13, p. 194-196, dez. 1883. Disponível em:<[El Álbum de la Mujer : Periódico Ilustrado. Año 1, tomo 1, núm. 13, 2 de diciembre de 1883 | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. La maestra. **El álbum de la mujer**, México, ano 2, n.4, p. 48-49, jan. 1884. Disponível em:<[El Álbum de la Mujer : Periódico Ilustrado. Año 2, tomo 2, núm. 4, 27 de enero de 1884 | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. La maestra. **El álbum de la mujer**, México, ano 2, n.5, p. 62-63, fev. 1884. Disponível em:<[El Álbum de la Mujer : Periódico Ilustrado. Año 2, tomo 2, núm. 5, 3 de febrero de 1884 | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FLAQUER, Maria de la Concepción Gimeno de. La obrera mexicana. **El álbum de la mujer**, México, ano 2, n.1, p. 3-5, jan. 1884. Disponível em:<[El Álbum de la Mujer : Periódico Ilustrado. Año 2, tomo 2, núm. 1, 6 de enero de 1884 | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FRANCISCO, el hombre. Triste, louca ou má. São Paulo: Estúdio Navegantes. 2016. (1 faixa sonora). Disponível em:<[\(1\) Francisco, el Hombre - Triste, Louca ou Má \(OFICIAL\) - YouTube](#)>.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo : Claridade, 2011. 120 p.

KYRILLOS, G. M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 2020. Disponível em:<[SciELO Brasil - Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade](#)>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LISSORGUES, S. H. Itinerario de una filósofa y creadora del siglo XIX: Concepción Jimeno de Flaquer. **Cervantes Virtual**. Disponível em:<[Itinerario de una filósofa y creadora del siglo XIX: Concepción Jimeno de Flaquer | Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes](#)>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v.30, n.2, 2004, p. 289-300. Disponível em:<[SciELO Brasil - Metodologia qualitativa de pesquisa Metodologia qualitativa de pesquisa](#)>. Acesso em: 03 maio 2025.

MATOS, P. R.; ABRANTES, E. S. **VIRGINDADE, UMA QUESTÃO DE HONRA: sexualidade feminina na São Luís republicana (1880-1920)**. Anpuh Brasil: Natal. 2013. Disponível em:<[Microsoft Word - 1364956727\\_ARQUIVO\\_ArtigoPauloAnpuh2013doc.doc](#)>. Acesso em: 19 abr. 2025.

OLIVEIRA E SILVA, C. R. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza: CEFETCE, 2004. Disponível em:<[Microsoft Word - Metodologia e Organização de pesquisa apostila.doc](#)>. Acesso em: 03 maio 2025.

OLIVEIRA, Juliano Diniz de. O Conceito de Desenvolvimento: origens, perspectivas e debates. *In: Ordem, Instituições e Governança: uma análise sobre o discurso do desenvolvimento no Sistema ONU e a construção da ordem internacional*. 2010. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<[Microsoft Word - 0812650\\_2010\\_cap\\_3.doc](#)>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PEREIRA, B. C. J. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas**, Brasília, p. 445-454, set./dez. 2021. Disponível em:<[Vista do Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade](#)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

RUBIO, M. J. A Duquesa de La Torre, La Regenta. **Instituto Cervantes**. 2019. Disponível em:<[A Duquesa de La Torre, La Regenta](#)>. Acesso em: 17 maio 2025.

SOLNIT, Rebecca. **Los hombres me explican cosas**. Madrid : Capitán Swing Libros. 2016.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, 2021, p.64-83. Disponível em:<<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/download/2336/1441>>. Acesso em: 03 maio 2025.